

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO**  
**Área de Concentração: Fundamentos da educação**

**IDÉIAS EDUCACIONAIS DE SÊNECA NAS**  
**CARTAS À LUCÍLIO**

**MIRIAM MARIA BERNARDI MIGUEL**

**MARINGÁ**  
**2005**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO**  
**Área de Concentração: Fundamentos da educação**

**IDÉIAS EDUCACIONAIS DE SÊNECA NAS  
CARTAS À LUCÍLIO**

Dissertação apresentada por MIRIAM MARIA BERNARDI MIGUEL, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Área de concentração: Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Dr. José Joaquim Pereira Melo.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Catalogação na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca  
Central da Universidade Estadual de Londrina.**

**B523i** Bernardi Miguel, Miriam Maria.  
Idéias educacionais de Sêneca nas cartas à Lucílio / Miriam  
Maria Bernardi Miguel. – Maringá, 2005.  
96f. : il.

Orientador: José Joaquim Pereira Melo.  
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade  
Estadual de Maringá, 2005.  
Bibliografia: f. 97-98.

1. Educação – Teses. 2. Educação – Filosofia – Teses. 3. Sêneca. – Teses. 4. Educação – História – Teses. 5. Sábio – Teses.  
I. Melo, José Joaquim Pereira. II. Universidade Estadual de Maringá. III. Título.

CDU 37.01

MIRIAM MARIA BERNARDI MIGUEL

**IDÉIAS EDUCACIONAIS DE SÊNECA NAS  
CARTAS À LUCÍLIO**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo (Orientador) –  
UEM**

---

**Prof. Dr. Gilmar Henrique da Conceição – UNIOESTE –  
Cascavel**

---

**Prof. Dra. Aparecida Marcianinha Pinto – UEM**

24 de Março de 2005

## AGRADECIMENTOS

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”.

(Gonzaguinha)

A concretização desse trabalho é fruto do entrelaçamento de encontros e desencontros que compõem os mistérios da vida e escapam da nossa compreensão.

Agradeço a todos que colaboraram, diretamente ou indiretamente, para que ele fosse possível.

Aos meus filhos: MARCUS, RENATA, DANIELA, e RODRIGO, razão da minha vida, pelos quais me debrucei a procurar uma educação e um mundo melhor.

Ao meu esposo: JORGE, pela compreensão e apoio durante todo este percurso.

Aos meus pais: ANGELO e DIVA, por me possibilitarem a vida.

Aos meus irmãos: MARISA, WILSON e a minha cunhada MARLI, por partilharem comigo as aventuras da vida.

Ao meu irmão ANAILDO por me ensinar a acreditar em sonhos.

Às minhas sobrinhas: CAROLINA e MANUELA e ao meu sobrinho TIAGO, por fazerem parte da minha história de vida.

À professora VERA LÚCIA L. B. ECHENIQUE pela amizade e confiança.

Ao meu orientador Dr. JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO pelo incentivo e paciência.

À MARIA DE LOURDES, amiga que ultrapassou o espaço acadêmico.

Não podendo jamais esquecer dos momentos de descontração no final da tarde, junto com os amigos OSMAR, MARCOS, MARIA, MARCELO, PAULO, FABIO, NELCI, REGINALDO, NETO, onde amenizávamos as angústias de um trabalho solitário e sorriamos.

“Eu prometo Lucílio: a posteridade há de recordar-se de mim, hei de fazer com que alguns nomes perdurem por estarem ligados ao meu”.

Sêneca

BERNARDI MIGUEL, Miriam Maria. **Idéias educacionais de Sêneca nas cartas à Lucílio**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2005.

## RESUMO

O estudo intitulado “Idéias educacionais de Sêneca nas cartas à Lucílio” surgiu face ao interesse em estudar o pensamento da antiguidade clássica no seu viés latino com o objetivo de compreendê-lo, tendo em vista os seus ecos que alcançam a atualidade, que, devidamente escutados, poderão apontar caminhos que venham contribuir para a educação moral e ética do homem contemporâneo. Para isso, a fonte utilizada foi a obra “Cartas a Lucílio”, de Lucio Anneo Sêneca, composta por 124 cartas com reflexões filosóficas. Segundo o pensador, o homem na busca da perfeição dependeria da vontade e da liberdade que só teria significado quando dedicasse parte do seu tempo ao ócio útil. Considerando a dificuldade encontrada pelos homens no processo da busca da perfeição, Sêneca aconselha a escolha de um modelo para ajudá-los. Contudo, a perfeição só seria possível caso fosse acompanhada de uma constante reflexão filosófica, bem como da sabedoria, que esta reflexão possibilita, das regras morais e da virtude, que em última instância, forma o homem sábio, ideal de homem que, segundo Sêneca, seria o guia da humanidade. Assim sendo o processo educativo atinge o mais alto grau no sábio; portanto, na formação do sábio materializa-se o processo educacional de Sêneca.

**Palavras-Chave** : Sêneca. Educação. Sábio.



BERNARDI MIGUEL, Miriam Maria. **Sêneca's educational ideas in the letters to Lucílio**. 2005. Dissertation (Master's Degree Dissertation) – State University of Maringá, Maringá. 2005.

## ABSTRACT

The study entitled “Sêneca’s educational ideas in the letters to Lucílio” emerged due to the interest in studying the classical antiquity thought in its latin obliquity with the purpose of understanding it, having in mind its echoes that reach the present times and which, if properly heard, may point out ways to contribute to the moral and ethical education of the contemporary man. As for that, the source used was the work “*Cartas a Lucílio*” by Lucio Anneo Sêneca, consisting of 124 letters with philosophical reflections. According to him, the man in search for perfection would depend on the will and freedom which would only have meaning when this man devoted part of his time to the useful leisure. Taking into consideration the difficulty faced by men in the process for the search of perfection, Sêneca advises the choice of a model to help them. However, perfection would only be possible if it were followed by a constant philosophical reflection, as well as of the wisdom that this reflection enables, of the moral rules and the virtue that, eventually, shape the wise man, the ideal of man who, according to Sêneca, would be the guide to humanity. In this case, the educational process reaches its highest degree in the wise man; consequently, in the formation of the wise man, Sêneca’s educational process is materialized.

**Key Words:** Sêneca. Education. Wise man.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista aérea da Acrópole grega.....	16
Figura 2 – Grécia antiga.....	22
Figura 3 – Zenão.....	29
Figura 4 – Maquete de Roma.....	33
Figura 5 – Retrato de Sêneca.....	38
Figura 6 – Estátua de Nero e Agripina.....	41
Figura 7 – Sêneca.....	43
Figura 8 – A morte de Sêneca.....	44
Figura 9 – A morte de Sêneca II.....	45
Figura 10 – Sêneca.....	46
Figura 11 – Escultura de Sêneca.....	48
Figura 12 – Sêneca.....	52
Figura 13 – Escultura de Sêneca.....	55
Figura 14 – Busto de Sêneca.....	56
Figura 15 – Desenho de Sêneca.....	57
Figura 16 – Sêneca.....	58
Figura 17 – Estátua de Sêneca.....	63
Figura 18 – Sêneca.....	65
Figura 19 – Sêneca.....	67
Figura 20 – Desenho de Sêneca.....	69
Figura 21 – Pintura de Sêneca.....	82

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 - O HELENISMO E A ELABORAÇÃO DE UM NOVO PENSAR</b> .....	16
1.1- A DESESTRUTURAÇÃO DA POLIS E A NEGAÇÃO DA CIDADANIA GREGA.....	17
1.2- A FILOSOFIA ENQUANTO RESPOSTA AO CIDADÃO.....	22
1.3- ESTOICISMO E A BUSCA DA FELICIDADE.....	29
1.4-O ESTOICISMO ROMANO.....	33
<b>2 - AS BASES DO PROCESSO AUTOFORMATIVO SENEQUIANO</b> .....	38
2.1 – O PENSADOR E SUA OBRA.....	38
2.2 – O HOMEM NASCEU PARA SER FELIZ.....	46
2.3 - A VONTADE: O PRIMEIRO PASSO RUMO À PERFEIÇÃO.....	48
2.4 - A LIBERDADE: UMA PROPRIEDADE DA ALMA.....	52
2.5 - O “ÓCIO ÚTIL”: ESPAÇO PARA A AUTO-FORMAÇÃO.....	55
2.6 - O MODELO: UM RECURSO À DISPOSIÇÃO DA PERFEIÇÃO.....	56
<b>3- OS CONTEÚDOS FORMATIVOS DA EDUCAÇÃO SENEQUIANA</b> .....	58
3.1 - FILOSOFIA: A ARTE DE VIDA E DE MORTE.....	58
3.2- SABEDORIA: O BEM SUPREMO.....	63
3.3 - MORAL: FORTALECIMENTO DO HOMEM.....	65
3.4 - VIRTUDE: PRINCÍPIO DE HARMONIA.....	67
3.5 - SÁBIO: O IDEAL DE FORMAÇÃO.....	69
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
BIBLIOGRAFIA.....	90

## INTRODUÇÃO

Lúcio Anneo Sêneca, filósofo moralista e político romano, alcançou notoriedade na história antiga por suas idéias que, desde quando surgiram até a contemporaneidade, continuam a despertar grande interesse.

No contexto histórico do período em que viveu Sêneca, séc. I d.C., a civilização romana passava por muitas mudanças, conseqüências de uma inconstância política e social, além da degeneração dos costumes. Do período da República (509 a.C. – 31 a.C) ao do Império (31 a.C. – 476 d.C.), o que se verificou é que o período de serenidade propiciado por Augusto (31 a.C. – 14 d.C.) foi substituído pelos reinados de Tibério (14 a 37), Calígula (37 a 41), Cláudio (41 a 54) e Nero (54 a 68), imperadores que, para administrarem o bem público, não tiveram a prudência e a perspicácia do seu fundador.

Genuinamente tiranos, faziam todo tipo de crueldade e de brutalidade, em nome da defesa do poder. A autoridade pertencia a um único homem e, por isso, terminava a igualdade de outrora, quando os cidadãos tinham direitos iguais e possibilidades de almejar o poder supremo. A intranqüilidade do novo sistema abatia a todos, visto que, em nome da defesa do poder, legalizavam-se as crueldades, as apreensões dos bens e o exílio de vários homens.

Sêneca, naquele momento histórico, colocava-se como defensor dos cidadãos romanos, visando a uma nova ordem social, baseada na prudência. Seu objetivo maior era o homem, desejando retirá-lo da angústia, do medo que permeava a todos no seu tempo.

Sendo o homem o cerne da filosofia senequiana, o seu controle frente aos impulsos exteriores e também o saber lidar com os acontecimentos cotidianos da vida humana foram preocupações constantes para o pensador.

Preocupando-se com a felicidade, com a sabedoria, com a virtude, com a perfeição dos homens, procurou orientá-los através de regras de conduta moral ao voltar-se para o homem, respaldado pela reflexão filosófica, Sêneca se converteu em uma das vozes romanas mais importantes em matéria de pedagogia, conforme fica explícito no modelo auto-educativo por ele pensado, tendo em vista a formação do homem que julgava ideal, sábio, agente social que responderia às necessidades do Império Romano.

Para Sêneca, isso seria possível somente por meio do aprimoramento das ações humanas, o que levaria a formar homens perfeitos, proficientes, moderados, já que, no seu entender, a sabedoria plena é um sonho, um ideal que se deve perseguir.

Sua preocupação pedagógica marca sua reflexão filosófica, sustentada pela razão e pela moral. O ideal formador contido nas idéias de Sêneca apresenta-se em toda a extensão de sua obra, ora como regras de conduta, ora como sentenças filosóficas, através das quais vai incutindo novos hábitos morais.

Ao longo do percurso de suas idéias, Sêneca vai propondo uma nova forma de ser, baseando-se nas regras da natureza universal, um novo modo de conceber a vida através da alteração dos antigos costumes, capaz de formar o novo modelo de homem, considerado por Sêneca como ideal capaz de reordenar a sociedade de então: o sábio.

Foi na busca das pegadas desse modelo formativo, contido nas suas reflexões intituladas *Cartas a Lucílio*, escritas possivelmente entre os anos 62 e 65 da era cristã, que este trabalho foi elaborado.

Para maiores informações sobre esse pensamento e sobre seu escritor, assim como para dar maior fundamentação e respaldo histórico para o que se pretendia, percorreu-se uma bibliografia de caráter geral e específico que teve também a propriedade de facilitar o diálogo estabelecido com a fonte escolhida.

A fonte utilizada, *Cartas a Lucílio*, foi publicada em língua portuguesa no ano de 1991, pela Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa. São 124 cartas com reflexões filosóficas destinada por Sêneca a Lucílio, seu discípulo preferido. As cartas são consideradas, segundo J.A. Campos (1991), a obra mais importante de Sêneca, por sua amplitude e por abordarem uma gama variada de temas. Nelas, predominam as suas reflexões éticas que se revestem de um caráter prático, contemplando situações concretas do comportamento humano.

Além da importância dessa obra, outra razão para sua escolha como fonte a ser utilizada está no fato de que uma produção literária é historicamente criada com as idéias e os sentimentos do contexto histórico no qual está inserido o próprio autor. É uma forma de testamento bastante adequada à investigação de caráter histórico. A criação literária não exclui a contradição que pulsa no interior do próprio processo histórico, mas o exprime por meio do drama das personagens, das circunstâncias às quais são submetidas e pelas alternativas que elas encontram para a superação ou não dos problemas enfrentados. Ao retratar os homens de forma particular ou até fictícia, o autor tem o espírito de seu tempo como principal referência e a esse a personagem pode corresponder ou diferenciar-se, entretanto,

ainda assim, expressa as tendências sociais daquele período (ROSA *in* SOUZA, 1998).

O objetivo de Sêneca ao escrever as cartas era converter o amigo à doutrina estoíca, levando-o a incorporar seus conceitos na vida prática. Isso pressupunha levá-lo a afastar-se dos conceitos pré-estabelecidos e a aproximá-lo do seu ideal de homem, o sábio. Além disso, as cartas não têm apenas finalidades teóricas, mas apresentam proposições sobre o proceder de forma prática, pautada na razão. Sêneca, nos últimos anos de sua vida, dedicou-se a escrevê-las, assumindo o cargo de formador do discípulo e, a partir dele, o formador de toda a humanidade, refletindo sobre os conceitos estoícos aí apresentados. Sêneca deseja mostrar ao discípulo sua própria vida, suas conquistas resultantes de seus esforços pessoais.

No pensamento senequiano, predomina um estoicismo moderado, que respeita pensamentos de outras escolas. O estoicismo senequiano divide-se em duas partes: a primeira orienta a conduta dos homens no espaço social e político, na vida pública e a segunda orienta a conduta moral dos homens na vida privada.

Nesse sentido, a filosofia que aparece nas cartas é uma espécie de medicina para a alma, que prepara o homem para a prática da virtude e convoca a superar os “preconceitos” da sociedade romana.

Sêneca acrescenta algo de novo na forma literária clássica latina, por meio da linguagem objetiva e informal do diálogo; assim, transforma-se no precursor dessa mesma ao abordar temas referentes à preocupação humana, através das epístolas.

Assim, respaldado no diálogo com a fonte e fundamentado nas informações possibilitadas pela bibliografia, estruturou-se este estudo em três capítulos, conforme descrito a seguir:

O primeiro capítulo, intitulado *O helenismo e a elaboração de um novo pensar*, buscou refletir sobre o contexto histórico do período helenístico, destacando o papel assumido pela filosofia, particularmente o estoicismo, naquele momento histórico, que se converteu em conforto espiritual e proteção do homem livre em uma sociedade que se organizava a partir de um mundo que se fazia sem fronteiras.

O segundo capítulo, *As bases do processo formativo senequiano*, teve a preocupação de organizar uma biografia de Sêneca, tendo em vista situar o pensador e a sua obra para, em seguida, ater-se nas bases que fundamentam o seu processo auto-educativo.

No terceiro capítulo, *Aspectos do pensamento educacional senequiano*, procurou-se demonstrar os preceitos necessários à formação dos homens. Segundo Sêneca, para atingirem o cume da perfeição, que em um primeiro momento poderia depender de ajuda externa, passando, no entanto, a depender somente do esforço individual na busca da autoformação, necessitava-se de um estudo filosófico, bem como da sabedoria que esse estudo facultava, baseando-se nas regras morais, o que, em última instância, forma o homem sábio: materialização do processo educacional senequiano.



## CAPÍTULO I

### O HELENISMO E A ELABORAÇÃO DE UM NOVO PENSAR

As mudanças promovidas no século IV a.C. a partir das conquistas de Felipe II<sup>1</sup> e principalmente de Alexandre Magno<sup>2</sup> criaram condições para a composição de um novo quadro político, cultural e econômico na Antiguidade, convencionalmente chamado de helenismo. Esse quadro caracterizou-se, a grosso modo, por um processo de interação entre a cultura grega clássica e a cultura dos povos orientais, o que levou à desorganização, dentre outras sociedades, da sociedade grega.



Fig.1- Vista aérea da Acrópole grega.

Fonte: <http://www.pictures-europe.com/information-greece.htm>

---

<sup>1</sup> Felipe II – (382 a.C. – 336 a. C.) rei da Macedônia, culto, inteligente, hábil, ambicioso e grande guerreiro - estudou a arte da guerra com Pelópidas e Epaminondas, em Tebas, onde permaneceu três anos como refém. Conhecia a civilização Grega. Analisou as riquezas e as rivalidades das cidades-estados da Grécia. Em 359 a.C. sucedeu a Perdicas III no trono Macedônico. Realizou uma série de reformas e elaborou um notável plano imperialista. Transformou a Macedônia na maior potência, firmando as bases da expansão helênica realizada por seu filho Alexandre III (Alexandre, o grande). Suas operações foram interrompidas depois do seu assassinato pelo nobre Pausânias, em 336 a. C.

<sup>2</sup> Alexandre Magno – (359 a.C. – 323 a.C. ) filho de Felipe II, rei da Macedônia - assume o reino da Macedônia após a morte de seu pai. Produziu uma revolução de enorme importância, pois encerrou uma era e abriu outra. O fator mais importante foi certamente a destruição da *polis* (cidade grega), retirando-lhe toda liberdade, a fim de realizar o seu projeto de monarquia universal, reunindo não só cidades, mas países e raças diversas.

## 1.1. A DESESTRUTURAÇÃO DA PÓLIS E A NEGAÇÃO DA CIDADANIA GREGA.

Os novos ares hauridos desse movimento marcaram a destruição da *polis* tradicional (cidade grega), valor fundamental da vida espiritual da Grécia clássica, que o homem livre grego considerava o horizonte único da vida moral, política e social que o identificava enquanto homem e cidadão<sup>3</sup>. A partir dessa nova realidade, a organização política grega, que tinha como base as cidades-estados, independentes e democraticamente estruturadas, e que constituía o diferencial em relação aos outros povos, deixa de existir, desencadeando uma profunda crise de identidade nos setores privilegiados gregos.

[...] La personalidad del individuo era cívica y el hombre despojado de la dimensión pública no era nadie, pues su identidad se la atorgaba la polis. No había distinción clara entre ética y política y, lo que es mas, la política era, en cierto modo, superior a la ética privada. La ética era una parte de la política y era imposible una teoría moral sin una práctica de la justicia; ya que era más importante alcanzar el bien para una ciudad y el conjunto de los ciudadanos, que seria el fin de la política, que procurar el bien para una persona particular, objetivos buscado por la ética [...] (SÁNCHEZ, 2000, p. 22).

Ao apagar os limites entre as cidades, alterou-se significativamente o contexto em que as cidades passaram a mover-se, ao deixarem de ser autônomas.

[...] A perda da independência das cidades gregas tem por primeiro feito, na ordem espiritual, dissociar a unidade do homem e do cidadão, do filósofo e do político, da interioridade e da exterioridade, da teoria e da prática [...] (AUBENQUE *in* CHATELET, 1981, p. 177).

---

<sup>3</sup> Cidadão – pertencente à cidade. Forma suprema do Estado entre os gregos. Segundo Aristóteles a essência do homem residia na sua capacidade de ser cidadão, porém a cidadania era privilégio das classes dirigentes (Pance, 1991).

Ao ultrapassar a *polis* como entidade política e com força decisória efetiva, formou-se um vasto organismo político, que compôs uma monarquia universalista, a qual uniu sob a mesma coroa o Ocidente e o Oriente e, por extensão, transformou a Grécia em apenas mais uma província entre aquelas que formavam o vasto império fundado por Alexandre (JAEGER, 2002). A pátria não é mais a *polis*, mas o mundo. Essa nova condição cria uma profunda crise de identidade nos setores dominantes da sociedade grega, representada pelo cidadão, até então entendido à medida que se inseria na vida política da sua cidade, sendo sua força espiritual vinculada à sua relação com a vida comunitária (FONSECA, 2002).

Segundo José Ribeiro Ferreira, a substituição da *polis* pelo império significou a própria “morte” para esse homem, o qual foi privado da sua cidadania, que dava orientação a toda a sua existência.

Dessa forma, o cidadão grego deixou de fazer parte de uma estrutura política simples (*polis*) para se inserir em uma grande pátria complexa (império), que não dependia de sua participação para que a máquina administrativa funcionasse. A sua cidadania foi esvaziada nessa nova estrutura, os deveres “do agora” do homem helenístico já não eram os deveres cívicos de um determinado Estado, mas os de todo ser humano, membro de uma cidade sem fronteiras, sem os compromissos com um grupo determinado (FERREIRA, 1992).

Com a destruição dos seus antigos valores, o cidadão (coletivo) torna-se súdito (Indivíduo), deixa de valer pelo seu antigo valor cívico, pois todas as decisões relativas às coisas públicas são agora tomadas sem a sua contribuição; os novos estados desenvolvem-se independentemente do seu querer (REALE, 1994, Vol III).

Com essa situação, o cidadão grego perde o espaço para exprimir a sua opinião, sendo-lhe negada a participação nas esferas públicas. Assim, perdia aquilo que o diferenciava de outros homens, de outros povos – a cultura grega – e tornava-se apenas uma parte na engrenagem do Império que se ia consolidando (PETIT, 1987).

Essa negação da cidade e do cidadão também afetou a religião grega, ao atingir diretamente as suas divindades, que eram encarnações dos ideais do humanismo grego, protetoras da *polis* e dos interesses mundanos:

[...] Ela sempre garantiu que o homem grego cumprisse as suas obrigações para com o estado, com sua ruína, o homem já não encontra com que satisfazer as suas aspirações, por isso, a melhor devoção já não pode estar em cumprir o melhor possível o dever de cidadão. Assim, a religião passou também por uma metamorfose e perpez o caminho de coletivo para individualista [...] (LEVÊQUE, 1967, p. 144).

Desse modo, a religião foi perdendo a sua vinculação com a política e com os deveres do cidadão, não mais se constituindo como prática que o aproximava dos seus antigos deuses. O espírito religioso também perdeu o seu caráter de coletividade e voltou-se para a individualidade, o homem do Império deveria buscar a sua salvação nessa mesma individualidade.

Com a destruição do seu universo, o cidadão grego passa a ter que adquirir novas habilidades, diferentes das antigas virtudes cívicas, perdendo o conteúdo ético em benefício do conteúdo profissional. Ele busca em si mesmo, na sua intimidade, novas motivações para viver, visto não poder mais pedir à cidade, ao *ethos* do Estado e aos seus valores o conteúdo para a própria vida, o que o levou a fechar-se em si mesmo. Enfim, já não era cidadão, mas apenas um indivíduo a mais na estrutura do Império e deveria buscar um novo sentido para o

seu viver. A realização já não estava vinculada às coisas externas (política), mas ao encontro consigo mesmo.

O resultado dessa descoberta do cidadão enquanto indivíduo decretou, de vez, a liquidação dos costumes clássicos que davam “sabor” e “valor” à sua existência e colocou, no centro das discussões, outras exigências, voltadas para a formação desse novo homem.

[...] El sentimiento de solidaridad, de pertenencia a un pueblo en el que confluyen la mayoría de los intereses individuales, há desaparecido. Comienza a predominar lo privado, porque la ciudad-estado, como supremo ámbito público, no tiene ya justificación, ni suficiente entidad como para organizar, desde ella, los destinos que marca la conquista de Alejandro. Los griegos son un pueblo más entre otros pueblos y Atenas empieza a comprender la inutilidad de sus murallas reales y de sus proyectos ideales [...] (SÁNCHEZ, 2000, p. 23).

Significativas, nesse sentido, são as considerações de Ettore Bignone, destacadas por Giovane Reale:

[...] A educação cívica do mundo clássico formava cidadãos; a cultura a partir da era de Alexandre forjou indivíduos. Nas grandes monarquias helenísticas, os laços e as relações entre o homem e o Estado tornam-se cada vez menos estreitos e imperiosos; as novas formas políticas, nas quais o poder é detido por um só ou por poucos, concedem cada vez mais a cada um a possibilidade de forjar a seu modo a própria vida e a própria pessoa moral, [...] O indivíduo agora está livre diante de si mesmo [...] Cada um vale, não mais como membro da cidade onde nasceu, com a qual deve dividir a sorte, a grandeza, a desventura, mas na medida do valor do seu engenho, do gênio íntimo do seu espírito. O homem agora parece tudo: único artífice do seu valor e do seu destino, senhor de si mesmo [...] (BIGNONE *in* REALE, 1994, Vol III, p.7-8).

Substitui-se, assim, a vida pública pela vida privada como centro de reflexões.

Esse panorama helenístico também teve a propriedade de criar as condições que destruíram a concepção de superioridade da cultura grega em

relação aos povos que viviam além das suas fronteiras (os bárbaros), ao colocar em dúvida teses de filósofos como Platão e Aristóteles, que defendiam a superioridade “natural” helênica.

Assim sendo, a separação entre grego e bárbaro sofreu um duro golpe e quase desapareceu, pela atuação dos governantes e, principalmente, pelas novas correntes filosóficas que se pronunciaram contra esse preconceito.

Importa lembrar que, para alguns estudiosos, a cultura clássica, ao entrar em contato com as outras culturas, particularmente com a oriental, perdeu a sua “pureza”, a sua originalidade, a sua criatividade (FONSECA, 2002) e, por consequência, o seu caráter teórico. Dentre os elementos promotores dessa nova fase, pode-se fazer referência aos cultos orientais e místicos, profundamente voltados para as necessidades e os problemas que atormentavam os homens, ao se proporem como um alento e conforto para esses (PADOVANI, 1968). Essas diretrizes levaram a filosofia helenística a procurar atender esses anseios, ao apresentarem um referencial para esse homem sofrido que buscava uma nova formação.

[...] O helenismo é a cultura da era de Alexandre Magno, pois é quando a língua, costumes, utensílios, arte, literatura, filosofia e religião dos gregos se espalham por todo o oriente, Índia e regiões do Danúbio. As principais características deste movimento foram a penetração e o caldeamento das tradições dos diversos povos e culturas [...] (DREHER, 1963, p. 12).

## 1.2. A FILOSOFIA ENQUANTO RESPOSTA AO CIDADÃO.



Fig. 2 – Grécia antiga.

Fonte: <http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/Grecia/GreAntig.html>

A nova forma de reordenação da sociedade se apresentava para o homem livre grego como um problema que precisava ser solucionado, porque os seus antigos valores cívicos já não davam conta de organizar os novos costumes que se colocavam naquele momento histórico.

Assim, na transformação de cidadão do coletivo para a individualidade, coube à filosofia papel significativo, da mesma forma quando do apogeu da *polis* que estivera intimamente relacionada com a política e procurava legitimar a vida social grega. Desse modo, com a decadência da *polis*, a filosofia clássica também entrou em descrédito, pois, como entendia o homem como ser político, não encontrava ressonância nas estruturas da sociedade que se organizava. O que levou as reflexões filosóficas a deixarem a esfera pública (coletiva) para assumirem o caráter de reflexões sobre a vida privada (individualista).

[...] Os motivos para o aparecimento desta filosofia pragmatista, praticista devem ser procurados na decadência espiritual e moral da época, faltando ao homem o interesse e a força para a especulação pura, bem como na profunda tristeza dos tempos e na profunda sensibilidade diante do mal, onde a vida do homem torna-se dolorosa, levando-o a procurar na filosofia um conforto, uma orientação moral, que encontrara na renúncia ao mundo e à própria vida[...] A filosofia tornou-se uma preparação para a vida [...] (PADOVANI, 1968, p. 47).

Com isso, a filosofia, ao mesmo tempo que se investiu de uma aura quase religiosa, mostrou a possibilidade de ser feliz mesmo sem as antigas condições exteriores oferecidas pela *polis*.

Isso posto, a filosofia helenística assume a condição de um dos símbolos desse momento, ao se converter em proteção do cidadão, ao propor-lhe clarear a consciência na busca de viver bem e de ser feliz, assim como assegurar-lhe uma vida tranqüila.

[...] A ruptura da identificação entre homem e cidadão [...] teve um aspecto positivo: o homem foi coagido, pela força dos acontecimentos, a fechar-se em si mesmo, a buscar no seu íntimo novas energias, novos conteúdos morais e novas metas pelas quais viver. Assim o homem descobriu-se como indivíduo [...] (REALE, 1994, Vol III, p.7).

A filosofia torna-se, assim, a fonte na qual o agora homem helenístico busca os valores que antes encontrava na *polis*. Essa preocupação



direciona as principais correntes filosóficas desse período - epicurismo<sup>4</sup>, ceticismo<sup>5</sup> e estoicismo<sup>6</sup> para tratar da intimidade, da vida interior. Organizam-se, dessa forma, regras de conduta, “artes de viver”, “filosofias de vida”. A grande preocupação dos filósofos era possibilitar àquele homem desorientado alguma forma de paz de espírito, alguma forma de felicidade interior em meio às atribulações por que passava e a resolver os problemas colocados ante as transformações da sociedade.

Com essa orientação, a filosofia ultrapassou o espaço restrito da *polis* e se encaminhou para o universalismo. As especulações passaram a concentrar-se no problema da liberdade individual.

[...] As novas concepções filosóficas, mesmo manifestando-se de formas diversas, nas diferentes escolas, buscam um ideal de vida que cada homem possa seguir, extraindo os recursos unicamente de si mesmo [...] Todas querem ensinar como ser feliz, [...] felicidade [...] que constitui mais renúncias do que conquistas. [...] Todas concordam em afirmar que a felicidade está na ataraxia, ou seja, na paz do espírito [...] (REALE, 1994, Vol III, p 14,15).

<sup>4</sup> O Epicurismo foi a primeira das grandes escolas helenísticas, em ordem cronológica. Foi fundada por Epicuro (341 –270 a C. ) e surgiu em Atenas por volta do fim do século IV a. C. O próprio lugar escolhido por Epicuro para a sua escola é a expressão da novidade do seu pensamento: um prédio com um jardim, nos subúrbios de Atenas. O jardim estava longe do tumulto da vida pública cidadina e próximo do silêncio do campo. A palavra que vinha do jardim pode ser resumida em poucas proposições gerais: a realidade é perfeitamente penetrável e cognoscível pela inteligência do homem; nas dimensões do real existe espaço para a felicidade do homem; a felicidade é falta de dor e perturbação; para atingir essa felicidade e essa paz, o homem só precisa de si mesmo; não lhe servem absolutamente a cidade, as instituições, a nobreza, as riquezas, todas as coisas e nem mesmo os deuses : o homem é perfeitamente “autárquico”. Nesse pensamento, todos os homens são iguais, porque todos aspiram à paz de espírito, todos têm direito a ela e todos podem atingi-la, se quiserem. Os jardins (Képos) abrem suas portas para todos: nobres e não nobres, livres e não-livres, homens e mulheres, até para prostitutas em busca de redenção.

<sup>5</sup> O Ceticismo foi fundado por Pirro (?365 a 270?), na cidade de Elida, a partir de 323 a.C. Corrente de pensamento destinada a criar um novo modo de pensar frente aos trágicos acontecimentos da época. A novidade que essa corrente apresenta está na convicção de que é possível viver com arte uma vida feliz, mesmo sem a verdade e sem os valores pregados anteriormente. Pode-se dizer que Pirro rejeita as instâncias de qualquer forma de ontologia enquanto tal. Com efeito, enquanto o caminho da antologia vai das aparências ao ser, ao contrário, Pirro volta do ser às aparências, negando decididamente que exista ser e, portanto, que seja possível qualquer juízo sobre o ser, reconhecendo, conseqüentemente, só o parecer. Portanto, segundo Pirro, não é o ser que domina, mas o parecer. De fato, a afirmação do absoluto domínio das aparências significa, exatamente, a negação do ser e da substância, enquanto a afirmação de que nada é mais isso que aquilo, significa a negação do princípio do ser. Pirro não hesita em afirmar que “Cada coisa é não mais do que não é”, que “Cada coisa é e não é”, que cada coisa “Nem é nem não é”.

<sup>6</sup> O Estoicismo será tratado neste capítulo na página 28.

Era fundamental o entendimento de que o cidadão, convertido em indivíduo, dependia somente de si mesmo para as suas possíveis conquistas, visto ser totalmente autônomo e livre para decidir a sua vida.

Para Henri Irénée Marrou,

[...] O homem helenístico procura, face a um mundo ilimitado e a um céu vazio, alguma coisa a que prender-se, com relação a qual orientar-se; não acha ele outra solução senão recolher-se em si mesmo e procurar, em si próprio, o princípio de sua ação [...] (MARROU, 1975, p.352)

Elaboram-se diferentes visões de mundo, de homem e de vida, com as exigências cosmopolitas e ao mesmo tempo individualistas (SCIACCA, 1967).

O advento e a afirmação dessas novas manifestações da filosofia levou, também, a reflexão filosófica aos novos setores dominantes das mais diferentes localidades, rompendo-se definitivamente com as orientações teóricas que atribuíam essa “capacidade” apenas aos gregos livres (FERREIRA, 1992).

O antigo pensamento, que teve como principais representantes Platão e Aristóteles, já não conseguia dar respostas e sustentação ao antigo cidadão grego, que já não se reconhecia nesse quadro de mudanças. Para filósofos do período clássico, a vida feliz e digna tinha que se realizar na cooperação dos homens por uma cidade melhor e perfeita.

De maneira geral, Platão e Aristóteles centralizaram as suas reflexões no campo especulativo, acreditando que a realização se dava na vida

teórica, indispensável para a regeneração de uma sociedade, em particular da realidade material à qual estavam se referindo, a sociedade grega.

[...] A atividade prática material, e particularmente o trabalho, era considerada no mundo grego como uma atividade indigna dos homens livres e própria dos escravos. Ao mesmo tempo em que se aviltava a atividade material, manual, exaltava-se a atividade contemplativa, intelectual. Ao grego antigo interessava principalmente o domínio do universo humano, a transformação da matéria social, do homem, para com ela criar e desenvolver essa peculiar realidade humana, social, que é uma inovação no mundo antigo: a pólis. A pólis era a expressão mais alta do processo de transformação consciente do homem como ser social, ou animal político (SANCHEZ, 1977, p. 17).

Além disso, esses filósofos tinham despreço às coisas materiais, em particular ao trabalho mecânico, considerando-o indigno do homem livre e próprio dos escravos responsáveis pela produção da vida. O homem livre deveria voltar-se às coisas dignificantes, por exemplo, o ócio e a contemplação.

Em contraposição a esse entendimento, mesmo não rompendo com o trabalho escravo, as novas filosofias pregavam um saber voltado para as questões individuais, marcando o desligamento com a tradição filosófica clássica, ao deixarem a preocupação com as questões puramente especulativas. Converteram-se em fonte quase espiritual que iluminava as consciências, ajudava o antigo cidadão a viver melhor e ensinava-o a como ser feliz ante esse quadro de transformação.

Com esse direcionamento, a filosofia não fica restrita apenas à contemplação, mas propõe alterações na vida prática. As diferentes doutrinas filosóficas são gestadas em razão da realidade existente e de suas contradições, exprimem os valores vigentes e, como tal, expressam-se de acordo com os interesses que se estabelecem.

A filosofia, embora se mostre como propulsora da liberdade humana, ensinando o caminho para a felicidade, presta-se ao papel de garantir, assim, a

manutenção da ordem. Seus postulados exprimem as condições em que a humanidade se encontra, através das reflexões que propõem. Também elaboram preceitos de acordo com os interesses dos setores em que estão inseridos.

Em síntese, essas correntes filosóficas cumpriram o seu papel ao se voltarem aos problemas existenciais, objetivando encaminhar o seu alvo ao encontro da felicidade. Com um conjunto de saberes sistematizados, elas garantiam que viver segundo os seus princípios era a condição para uma vida tranqüila, e o homem, se fosse sábio, atentaria para os seus postulados; caso contrário, estaria sentenciado a viver atormentado pelas agitações da sociedade.

[...] A filosofia se apresenta agora como uma proteção contra a destruição do homem que não encontra mais razões para viver na sua função de cidadão . Ela pretende principalmente encontrar uma solução para o problema da felicidade e, apesar de diferenças evidentes, a resposta é a mesma: a felicidade está no domínio sobre si própria de uma alma que se escapa do mundo, que se liberta do contingente, que consegue atingir um estado de indiferença (ataraxia para uns, apatia para os outros), onde nada mais a poderá atingir [...] (LEVÊQUE, 1967, p. 115).

Essas escolas, mesmo tendo identidades próprias, que as distinguiam umas das outras, não deixaram de apresentar traços de proximidade, ao apontarem um ideal de vida e de perfeição a ser seguido. Um ideal moralmente aceito, em que o homem depende somente de si, pois não pode mais depender dos outros homens, deve agora buscar encontrar em si os recursos necessários para se organizar. Esse é o motivo de a filosofia surgir como “arte de viver”; ao possibilitar a sabedoria e o discernimento entre o bem e o mal, a moral dará, portanto, sustentação ao indivíduo.

Dessa forma, consolida-se um novo ideal de homem: o sábio tornando-se um referencial a ser seguido, e a sua imitação era a certeza de um estado de imperturbabilidade e de indiferença diante da realidade exterior

(ULLMANN, 1996) e, por meio de uma ascese, poderia alcançar a virtude que, segundo seus organizadores, era a condição fundamental para se viver em um estado de felicidade plena e permanente.

Nesse novo ideal de homem, a felicidade era obtida por meio de uma luta individual, entabulada consigo mesmo, para dominar suas fraquezas, abdicando aquilo que poderia desviar a alma da tranqüilidade e da paz de espírito.

[...] O sábio é, por definição, feliz, mesmo nos sofrimentos; [...] o sábio não conhecerá nem entrave, nem aflição, nem perturbações; ele será livre até na servidão, já não há *servidão* verdadeira senão no império das paixões, do qual ele se libertou; ele será feliz até no que a opinião chama impropriamente de infelicidade, já que ele se livrou desta opinião [...] (AUBENQUE *in* CHATELET, 1981, p. 177)

As principais características do sábio estóico eram a sabedoria, a *apatia*<sup>7</sup> e a *ataraxia*<sup>8</sup>; o legítimo sábio era o que se deixava viver pela razão, sendo o mais reto possível e eliminando todas as paixões do seu coração.

[...] El sabio se basta a si mismo. No debe dejarse impresionar por nada. Debe mantenerse impassible ante los sufrimientos físicos y morales, ante el dolor, la enfermedad, la muerte, los bienes de fortuna y las opiniones de los hombres. [...] (FRAILE, 1971, p. 623).

Segundo os seus pensadores, ao assumir essa condição, o homem nada tinha a temer sobre a terra, podia ser feliz ao angariar a sabedoria e com ela anular a dor. A felicidade era alcançada mediante renúncias, o que dependia da vontade e de boas ações e que exigia uma extrema energia volitiva.

---

<sup>7</sup> Apatia, em sentido literal, significa insensibilidade; mas, no uso filosófico antigo, essa palavra designou o ideal moral dos estóicos, isto é, a indiferença, o desprezo em relação a todas as emoções: indiferença e desprezo alcançados mediante o exercício da virtude, para o qual a insensibilidade não é um dom nativo e natural, mas um ideal de vida difícil de alcançar. Cínicos e estóicos viram na apatia a própria felicidade (ABBAGNANO, 2000).

<sup>8</sup> Ataraxia foi um termo usado primeiramente por Demócrito, depois pelos epicuristas e pelos estóicos para designar o ideal de imperturbabilidade ou de serenidade da alma derivado do domínio sobre as paixões ou da extirpação dessas. Analogamente, “o objeto do Ceticismo é a ataraxia nas coisas opináveis e a moderação nas coisas que são por necessidades” (ABBAGNANO, 2000).

[...] Comum a todas as escolas helenísticas é [...] o ideal de sábio [...] O sábio é o homem portador de todas as virtudes, que as novas filosofias reconhecem como essenciais para viver feliz, e por isso, é o homem sumamente feliz [...] (REALE, 1994, Vol III, p 15).

Em razão disso, o filósofo passou a ser exortador moralista de um postulado ético, um modelo de líder a ser seguido. Deixou de ser apenas uma pessoa que tinha o domínio teórico para ser aquele que vivia e morria em consonância com aquilo em que acreditava. Assumiu o papel de referencial, coerente com aquilo que ensinava.

Nesse contexto, papel significativo teve particularmente o estoicismo, que cumpriu a sua função ao contribuir para legitimar essa nova ordem na Antiguidade, com o seu postulado sobre uma pátria universal.

### 1.3. ESTOICISMO E A BUSCA DA FELICIDADE.

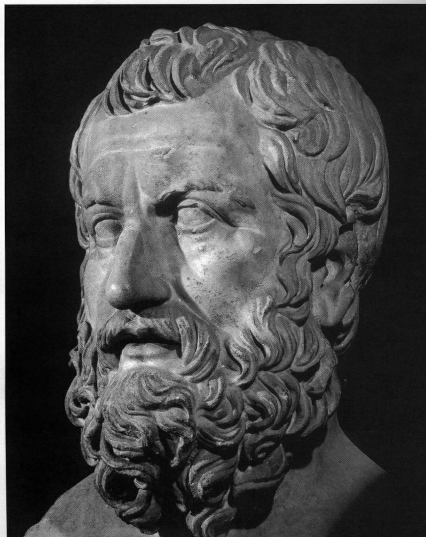


Fig.3 - Zenão

Fonte: <http://www.consciencia.org>

Acredita-se que a origem do estoicismo se situe em 301 a.C., com Zenão<sup>9</sup> (336-

---

<sup>9</sup> Zenão (336-264) nasceu em Cicio, na ilha de Chipre. Com cerca de 42 anos começa a ensinar e funda uma escola; os seus alunos foram primeiramente designados por zenonianos, depois, segundo o costume de dar a uma escola o nome do lugar

269 a.C.), em Atenas. Não sendo cidadão ateniense, Zenão não podia adquirir um local para suas aulas; por isso, elas aconteciam junto ao Pórtico das Pinturas, que em grego se diz Estoá. Nesse espaço, ele se reunia com os seus discípulos, por isso a escola ganhou o nome de Estoá ou estoicismo, e os seguidores, receberam o nome de seguidores da Estoá ou, simplesmente, estóicos.

As idéias iniciadas por Zenão são construções alcançadas com o passar do tempo; idéias que estavam em constante reformulação, porque era admitida a discussão crítica sobre suas exortações, o que possibilitou inovações.

Para melhor compreensão das idéias do estoicismo, ele foi dividido em três períodos: 1- o período da antiga “Estoá”, fins do séc.IV ao séc.III a.C; 2- o período da média “Estoá”, do séc. II ao séc. I a.C; 3- o período da “Estoá Romana” ou da “Nova Estoá”, na era cristã (REALE, 1994, Vol III, p..270-271).

Zenão, por meio de seus exemplos, procurava formar os seus discípulos mostrando os conhecimentos necessários para uma vida virtuosa e feliz (BRUN, 1986). A doutrina filosófica defendida por Zenão propunha a austeridade física e moral, fundada na resistência do homem aos sofrimentos e às adversidades da vida, características do sábio.

Desde a sua origem, o estoicismo buscou encontrar respostas morais às inquietações do seu tempo, momento de grandes perturbações,

---

onde estava estabelecida, chamou-se-lhes estóicos. Zenão viveu modestamente; homem sóbrio e discreto, conversava rodeado de alguns discípulos a quem não fazia pagar as suas lições, o que fez do seu ensino um ensino aberto a todos e não apenas reservado a uma aristocracia endinheirada. De todas as suas obras, restam-nos apenas pequenos fragmentos ou citações que, apesar de tudo, permitem dizer que a obra de Zenão fixou os traços essenciais da doutrina estóica (Brun, 1986).

procurava uma forma de garantir a felicidade. A moral estóica orienta o homem a atingir essa felicidade através do preceito “viver conforme a natureza”.

[...] Os estóicos postulam que a natureza é permeada de racionalidade: o mundo é um todo orgânico, solidário e dirigido por uma razão universal, que é Deus. A esse princípio ativo corresponde a matéria, princípio passivo que sofre a ação da razão. Tudo se submete a essa ordem universal: na filosofia estóica, não há lugar para o acaso, a desordem e a imperfeição [...](LI, 1998, p.14)

Viver segundo a natureza significa viver conciliando-se com o próprio ser racional. Viver segundo a natureza coincide com viver segundo a razão e o Logos<sup>10</sup>, com o viver segundo a virtude. A virtude traz a felicidade e possibilita a paz da alma.

[...] O fim supremo do homem é a virtude, como meio para a felicidade da quietude, fruto da virtude negativa da indiferença universal [...] É uma moral ascética, uma moral de renúncia [...] porquanto a renúncia não é feita por amor a Deus e aos homens, mas por amor a si mesmo, da própria tranquilidade [...](PADOVANI, 1977, p. 164-165)

Para o estóico, a felicidade é alcançada quando o homem rompe com todas as necessidades, os temores, os sofrimentos e as paixões; é através da inteligência, pela vontade e pela prática que se alcança a realização plena. E, se o homem fosse sábio, estaria imune de afetos e paixões, bastando-se a si mesmo.

[...] El sabio debe distinguirse por su firmeza ante las contrariedades. Has de ser como una roca contra la que se estrellan todas las olas. Ella está firme y el oleaje se amansa em su derredor. Debe mantenerse siempre em um mismo querer y no querer. (FRAILE, 1971, p. 623)

---

<sup>10</sup> Lógos, na filosofia grega, indica a coerência interna do universo. Confunde-se com Zeus, a grande divindade do Olimpo. É a única lei divina que tudo rege e da qual todas as leis humanas se alimentam. Do lógos, as leis humanas recebem sua força de obrigatoriedade. Princípio regente do mundo, providência que tudo ordena (ULLMANN, 1996).



Em face disso, também foi preocupação estóica destacar a importância da participação na vida pública, visando a integração do homem à nova realidade.

Segundo orientava essa filosofia, o homem era, por natureza, impulsionado a conservar o próprio ser, mas esse deveria ser extensivo aos seus filhos, aos parentes e a todos os seus semelhantes. Dessa forma, a natureza impõe não só a conservação de si próprio, mas a salvação da sociedade, e a política era um meio para a consecução de tais objetivos. A lei da natureza obrigava a que o homem fosse solidário com os outros, não só com os pertencentes à sua *polis*; deveria ele pensar em um bem maior: ser útil à Cosmópolis.

Ao atender aos novos tempos, o estoicismo se propôs a ensinar o homem a ser cidadão não de um império determinado, mas do mundo. Enquanto cidadão do mundo, da “natureza”, tinha que pensar na viabilidade de uma sociedade mais justa e perfeita.

[...] Pelo que diz respeito à política, manifesta-se na filosofia estóica um racionalismo cosmopolita radical a propósito da sociedade estatal: o homem, político por natureza, torna-se cosmopolita por natureza. Diz o estóico musônio: “o mundo é a pátria comum a todos os homens” [...] (PADOVANI, 1977, p. 149).

Com isso, oportunizou-se a integração dos seus destinatários ao novo mundo que se havia organizado com o helenismo; ou seja, preocupou-se em inseri-los nessa grande estrutura, ensinando-os a se considerarem como integrantes desse universo e a viverem em coerência com o cosmo. Nessa perspectiva, constituíram-se em uma parcela do cosmo, motivo de se encontrarem mais próximos da divindade.

[...] somos movidos pela própria natureza a amar aqueles que geramos. Daí deriva a existência entre os homens de um recíproco sentido de interesse de uns para com os outros de onde é

necessário que um homem, pelo fato de ser homem, não pareça estranho ao outro. Somos naturalmente levados à união, à associação com os outros homens e a uma sociedade natural. Somos movidos pela natureza a beneficiar todos os que pudermos, sobretudo ensinando e dando regras de prudência [...] (CÍCERO, 1960, p. 85).

Essa orientação aproximou o estoicismo de um sentido quase religioso, por sua vocação de buscar a fraternidade entre os povos e por seu perfil universalista, ao considerar que todos faziam parte de uma única família, a família universal.”[...] todo esse universo deve ser considerado como uma única cidade comum aos deuses e aos homens [...] (CÍCERO, 1960, p. 95).

Mesmo com essa exortação de universalidade e de igualdade entre os homens, não houve uma proposta de liquidação do sistema escravista, na medida que consideravam a verdadeira escravidão na ordem intelectual. Nesse sentido, a escravidão ou a liberdade não eram determinadas por uma condição apenas física, mas pela racionalidade (PEREIRA MELO, 2003).

O seu postulado, a “arte de viver”, deveria ser assumido por meio de atitudes concretas, objetivando consolidar um estilo, um modelo, ou um modo de vida que determinaria toda uma existência.

O estoicismo, ao longo da sua trajetória, foi revendo seus conceitos e alterando seus postulados tendo em vista a adaptação a novos tempos e a melhor formação do homem que julgava ideal. Essas transformações justificam sua permanência no tempo, como considerou Pierre Levêque:

[...] A evolução testemunhada pelo médio estoicismo é o melhor sinal da vitalidade de uma doutrina, cuja ética representa, sem dúvida a mais bela criação do espírito humano na antiguidade [...] (LEVÊQUE, 1967, p. 121)

#### 1.4. O ESTOICISMO ROMANO.



Fig.4 – Maquete de Roma  
Fonte: [www.cau-templarios.hpg.ig.com.br](http://www.cau-templarios.hpg.ig.com.br)

Em Roma, o estoicismo toma novos rumos, adquirindo dinamismo, visto que os romanos não possuíam uma tradição “especulativa”, por cultivarem um espírito objetivo e prático e pela funcionalidade de suas instituições. “[...] É, portanto no estoicismo médio, séc. II a.C. que o sistema começa a latinizar-se [...]” (BRUN, 1986, p.15).

Ao mesmo tempo em que se moldava ao espírito prático do homem romano, pouco dado às questões teóricas e às grandes reflexões filosóficas, o estoicismo reafirmava os preceitos sobre os deveres, sobre a autodisciplina, a obediência, a ordem e a recomendação para a participação na política.

Assim sendo, os romanos não se interessaram pelo período clássico, representado por Platão e Aristóteles, voltados para a contemplação e para a metafísica, mas lançaram mão das filosofias que ganharam corpo com a ordem helenística, de cunho materialista e existencialista, que se enquadravam em seu espírito utilitário.

[...] O estoicismo romano difere do estoicismo grego, porquanto segundo a índole prática do gênio romano. Limita-se exclusivamente aos problemas morais, que quase constituem o caráter essencial, do estoicismo [...] (PADOVANI, 1977, p. 159).

Nos primeiros momentos do encontro com a filosofia grega, especialmente durante a República (509 a.C. a 31 a.C.), foi o estoicismo que ganhou o apreço romano, pois a sua doutrina cosmopolita legitimava esse modelo de governo. Isso explica o grande contingente de adeptos que angariou, particularmente administradores, afinados com a sua proposta de participação na vida pública como forma de construir uma sociedade justa.

Com a decadência da República e a instauração do Império, em 31 a.C., a estrutura política romana foi obrigada a se reorganizar, eliminando a maior parte das suas instituições. O poder centralizou-se nas mãos do imperador, que se tornou o supremo mandatário, sobrepondo-se ao Senado, a exemplo das demais instituições políticas que particularizavam a República.

Esse processo provocou uma mudança na mentalidade romana, que, perdendo a sua liberdade política, a sua cidadania e as atividades inerentes ao sistema republicano, teve que se direcionar para a sua individualidade e ao que estava relacionado à sua privacidade.

Nessa esteira, os seus adeptos voltaram-se para a filosofia que atendia a esse novo quadro em processo de organização, o que leva ao entendimento de que as filosofias que exortavam ao desprezo às coisas terrenas e políticas tinham conquistado maior espaço.

[...] La filosofía comenzó a orientar cada vez más hacia la conducta íntima. Así, bajo el impulso del genio griego, se inauguró una religión personal. Lo que hasta esse momento había sido sólo cuestión de conformismo tribal, racial, urbano, estatal o en el sentido más laxo-social, ahora se convertía en tema de preocupación individual[...] (JOHNSON, 1999, p. 20).

Assim sendo, a filosofia no Império Romano enveredou para o domínio do privado, investindo-se de uma missão quase sagrada, ao se propor a ensinar, por meio de suas exortações e dos seus exemplos, o caminho da salvação e da libertação espiritual. Em face disso, o epicurismo, com a sua doutrina de afastamento da vida pública e dos burburinhos da cidade, ganhou simpatia e o espaço antes ocupado pelo estoicismo; por seu turno, a doutrina de Zenão, para se adaptar a esses ventos que sopravam do novo quadro posto pelo Império, rompeu com muitos dos seus ensinamentos, para se refugiar na esfera do sagrado.

Mesmo com o fôlego angariado pelo epicurismo nesse momento, foi o estoicismo que mais demonstrou vigor, tanto na República quanto no Império. A nova configuração assumida pelo Pórtico levou-o a perder significativa parte da sua dimensão política, visto que se converteu também em uma reflexão sobre a vida e sobre a morte, e pregava o desapego às coisas materiais, tendo em conta preparar o indivíduo para o cultivo das coisas da alma.

[...] A alma nunca é mais divina do que quando considera a sua imortalidade e sabe que o homem nasceu, sim, para realizar o ofício da vida, porém que o corpo não é a sua morada, mas um albergue passageiro [...] A maior prova da providência da nossa alma de uma sede mais alta está em considerar baixas e estreitas as coisas em que acha encerrada, e em não abrigar o temor de ter que abandoná-las. Com efeito, quem recorda de onde veio sabe para onde irá [...] (SÊNECA, 1991, p.674).

Isso posto, a filosofia adquiriu um perfil de sagrado, voltada a ensinar, por meio de exortação e do exemplo, a moral e a libertação espiritual.

[...] En las escuelas, se destacaba cada vez más la importancia de la enseñanza moral, sobre todo de origen estoica. Se redactaban listas de los vicios, de las virtudes y de los deberes de los padres hacia los hijos, de los maridos hacia las esposas, de los amos hacia los esclavos y viceversa [...] (JOHNSON, 1999, p. 21).

Dessa forma, passou à condição de conforto, de orientação moral, que via no afastamento do mundo e até da própria vida uma digna saída dos conflitos sociais (PADOVANI, 1968). Da esfera material, o homem voltou-se para o transcendental e para o eterno, preocupado com a sua preparação para a morte e para a eternidade.

O referencial proposto pela filosofia era, para os seus “mestres”, a garantia de uma existência feliz e tranqüila, pois era o único caminho que poderia seguir para manter-se isento das perturbações da vida material, ou seja, do quadro social a que estava submetido nesse momento histórico:

[...] todas as correntes filosóficas, visavam a libertar o homem do domínio das paixões e a proporcionar-lhes uma forma superior de felicidade [...] E a função do filósofo consistia basicamente em ajudar o paciente a obter essa tranqüilidade que entregue a si mesmo não conseguia alcançar, mais, de que as tendências da sociedade decisivamente o afastavam [...] (CAMPOS, 1991, p. 30).

Com essa orientação, a filosofia se revestiu de “espiritualidade” e de um contorno “terápico”, ao angariar e pregar os valores necessários à realização dos “sonhos não realizados” de uma sociedade e dos seus signatários alquebrados e sem esperança ante as transformações do seu mundo:

[...] A filosofia cumpriu o papel de uma pedagogia e também o de uma terapia, implicando este termo um maior empenhamento do sábio no desempenho da sua missão do que uma tarefa meramente pedagógica exigiria. A filosofia devia curar os males da alma e não somente teorizar em que eles consistiam. (CAMPOS, 1991, p. 30).

Ao priorizar os aspectos subjetivos, práticos e até religiosos, colocou a espiritualidade entre as prioridades da reflexão, como articuladora da felicidade, um refúgio para aquele momento histórico. Nesse processo, papel significativo teve

Lúcio Anneo Sêneca, um dos nomes mais expressivos do estoicismo romano, por sua preocupação com a formação do homem e com o reordenamento da sociedade romana.

## CAPÍTULO II

### AS BASES DO PROCESSO AUTOFORMATIVO SENEQUIANO

#### 2.1. O PENSADOR E SUA OBRA.



Lucio Anneo

Sêneca nasceu na província romana de Bética, na cidade de Corduba, atual Córdoba, na Espanha. Não há

certeza sobre a data do seu nascimento, provavelmente ocorreu entre 1 d.C. a 4 d. C. e sua morte data de 19 de abril de 65 d. C.

Córdoba, no reinado de Augusto, em 150 a.

C, foi considerada colônia de Roma, seus habitantes adquiriram direitos de cidadãos romanos.

Seu pai, também Lucio Anneo Sêneca, e a sua mãe, Hélvia, tiveram três filhos: Lucio Anneo Sêneca; Anneo Novato, que mais tarde passou a se chamar Júnio Galião, quando foi adotado por um amigo do seu pai que tinha esse nome, a quem Sêneca dedicou um de seus diálogos; e Mela, pai de Lucano, seu sobrinho poeta.

A primeira fase de sua educação deu-se no âmbito familiar, mas, ainda muito jovem, transfere-se para Roma, dado o seu interesse de seguir carreira política. Aos doze anos, aproximadamente, concluiu o estudo de gramático e inicia os estudos na retórica e na filosofia, imprescindíveis à sua formação na arte da persuasão.

No ano 25, por problemas de saúde, foi obrigado a se afastar, temporariamente, das suas atividades políticas, para buscar recursos médicos em Alexandria, hospedando-se na casa de um tio que ocupava alto cargo público nessa cidade.

Durante a estada em Alexandria, além do tratamento, usufruía intensamente do ambiente intelectual que proporcionava a cidade.

[...] Alexandria era um centro de efervescente vida cultural e religiosa. Gregos, judeus e, naturalmente, Egípcios ali conviviam num constante intercâmbio de idéias [...] A natureza irrequieta de Sêneca deve tê-lo incitado a conhecer melhor as doutrinas que se



espalhavam pelas terras egípcias, dentre elas o monoteísmo judaico. Talvez o deus criador dos judeus tenha servido para confirmar a idéia estóica de que o mundo era uno e divino, identificando o *theos* com o próprio *logos* [...] (OLIVEIRA, 1998, p. 56)

Ao retornar a Roma, no ano 31, final do governo de Tibério (42 a.C.- 37 d.C.), leva consigo convicções espirituais que havia assimilado no Oriente, o que não impediu a retomada da sua trajetória política. O seu destaque intelectual e a sua ascensão política, associados a um pronunciamento que fez em 39 de cujo conteúdo não se tem conhecimento, provocou grande irritação no imperador Calígula (12 - 41), que acabou por desejar a sua morte.

Com o assassinato de Calígula, no ano de 41, Cláudio (10 a.C.- 54) torna-se o novo imperador. Intrigas provocadas por Valéria Messalina, mulher de Cláudio, envolveram Julia Livila e Sêneca em um suposto adultério, o que resultou no exílio e posterior morte da princesa. Sêneca, embora tenha negado durante toda a sua vida esse envolvimento, recebeu a ordem para se afastar de Roma, o que deu início aos oito anos de exílio na ilha de Córsega.

[...] O fato é que, para afastar um adversário político, a acusação de adultério constituía uma praxe em voga, naquele tempo [...] (ULLMANN, 1996, p. 11).

Esse período de exílio, se por um lado retirou novamente Sêneca da política, por outro, permitiu-lhe uma maior dedicação aos estudos.

[...] Procedeu a elucubrações sobre a história da ilha ; estudou o povo e seus costumes, dedicou-se a pesquisar astronomia, geografia, meteoros e marés. Todo esse conjunto de observações e apontamentos resultou, depois, nas famosas *Questiones Naturales* [...] (ULLMANN, 1996, p. 11).

Essa época marca o início de sua produção: a obra “Consolação a Márcia”, escrita entre 37 e 41, para sua tia e esposa do prefeito do Egito, é tida como sua primeira produção. Em 41, escreveu “Da ira”, dedicada a seu irmão. Entre 42 e 43, “Consolação a Hélvia”, dedicada à sua mãe com o objetivo de consolá-la pela separação que estavam vivendo. Entre 43 e 44, escreveu “Consolação a Políbio”, um amigo que sofria pela morte de um irmão. Segundo alguns de seus biógrafos, Sêneca aproveitou essa oportunidade para pedir ao amigo que intercedesse por ele no palácio, para abreviar o seu exílio. Outros escritos seus desse período foram perdidos.

Em 48, Sêneca retornou a Roma, por intercessão de Agripina, esposa do imperador Cláudio, que queria o pensador como preceptor de Nero (37-68), filho do seu primeiro casamento com Domitius Ahenobarbus. Essa escolha de Agripina tinha por fim obter a ajuda de Sêneca para uma conspiração que levaria Nero ao poder imperial.

Nesse período, Sêneca casa-se pela segunda vez, com Pompéia Paulina, mulher que o acompanhara até a sua morte, que foi imposta pelo próprio Nero. Importa observar que sobre sua primeira mulher quase nada se sabe; apenas que, deste casamento, teve um filho que faleceu em 41.

Em face da nova responsabilidade, Sêneca preocupa-se em preparar o futuro imperador, rompendo com as bases tirânicas de seus antecessores, tendo em vista formar um imperador “rei – filósofo”.

Entre 49 e 55, apesar da vida agitada pelos compromissos políticos, encontra tempo para escrever “Sobre a Brevidade da Vida”, destinada a Pompeu Paulino, pai de sua esposa, tentando convencê-lo a abandonar o alto cargo público

que ocupava para se dedicar ao estudo da filosofia, ao ócio produtivo e descobrir a importância da vida interior do homem.

Em 54, chega ao fim o império de Cláudio, com sua morte, por envenenamento. O seu filho legítimo Britânico, que deveria assumir seu lugar, também fora assassinado, possivelmente por ordem de Agripina, que não poupava “esforços” para levar o seu filho ao poder. Nero torna-se imperador em 54 e foi nesse período de grandes transformações que Sêneca escreve “Da Clemência”, manual que ensina como deveria o imperador agir com prudência e clemência.



Fig.6 - Estátua de Nero e Agripina  
Fonte:  
<http://www.antiquitas.it>

Entre 55 e 56, escreve “Da Constância do Sábio”, em que disserta sobre o ideal de homem.

Os ensinamentos recebidos de Sêneca formam as bases para o início do governo de Nero, indo contra os objetivos de Agripina, que planejava, através do filho no poder, comandar o império romano. Essa influência sobre o jovem imperador provoca o desentendimento entre Agripina, Nero e Sêneca, levando Nero à tentativa frustrada de matar a própria mãe, o que veio a acontecer posteriormente.

O possível envolvimento de Sêneca nesse episódio acarretou-lhe inúmeras críticas: como alguém com escritos de tão grande elevação moral poderia fazer parte de tal atrocidade? Também a fortuna que arrecadou nesse período e os empréstimos que fazia a juros altos eram atitudes contrárias aos ensinamentos de seus escritos filosóficos.

Em 59, escreve “Da Vida Feliz” em que diz não viver uma vida de sábio e estar nessa busca, destacando a necessidade do autoconhecimento e a importância da vontade nesse processo.

Nessa mesma época, também escreve “Da Tranqüilidade da Alma” e sobre “O Ócio”, entre 61 e 62, e “Do Benefício”, entre 59 e 62, composto por sete livros sobre as relações dos seres no universo.

As atrocidades e a nova orientação assumida por Nero levou Sêneca ao distanciamento do imperador e a recolher-se em sua casa, quando escreve mais sete livros intitulados “Questões Naturais”, como o próprio nome indica, voltados para as ciências naturais. O conteúdo expresso nesses livros advém dos estudos realizados no período do exílio.

[...] O estudo dos fenômenos naturais constitui um prefácio à eterna lei estóica de viver de acordo com a natureza. Compreender o universo é o caminho mais curto para a compreensão do papel humano dentro dele [...] (OLIVEIRA, 1998, p 94).

Paralelamente, escreveu “Da Providência”, em que discute sobre a divindade. Além dessas obras, Sêneca escreveu outras cuja época não se sabe precisar e das quais chegaram aos nossos dias apenas fragmentos.

Em suas ações de Estado, Nero se distanciava cada vez mais do modelo de imperador clemente que Sêneca propôs como ideal, o que afastou Sêneca ainda mais da vida palaciana e o que também pode indicar que ele conhecia o movimento conspiratório o qual se iniciava nos últimos meses de 64 contra o imperador.

Ao longo desse afastamento, escreve sua obra considerada a mais importante: “Cartas a Lucílio”.

[...] Os últimos anos de sua vida, Sêneca dedicou-os à elaboração das Cartas a Lucílio. Esta correspondência, num total de cento e vinte e quatro peças, representa talvez a principal obra [...] (SILVA *apud* CALIOPE, 1984, p. 91).



Fig.7 – Sêneca  
Fonte: www.bbcom.net

Sêneca, acompanhando e orientando o progresso do discípulo, por vezes também aparece como orientador de toda a humanidade.

[...] Datam desses conturbados anos finais a redação daquela que é unanimemente considerada como sua obra mais original: as *Epistulae Morales ad Lucilium* [...] (OLIVEIRA, 1998, p. 96).

O objetivo dessa obra é o aprimoramento moral da humanidade, orientar o homem no exercício da vontade a fazer bom uso do tempo, que lhe possibilita a liberdade, a felicidade e, através da filosofia, alcançar a virtude e, conseqüentemente, a sabedoria.

[...] Paciente e diligente correspondência dirigida nominalmente a Lucílio é verdadeiramente um testamento endereçado a toda humanidade. Sua despedida do mundo garantir-lhe-ia uma perenidade na história do pensamento, muito mais pela sua sinceridade intelectual do que pela originalidade de suas idéias. Sêneca talvez seja a última grande voz da sabedoria pagã, e suas “Epístolas Morais” garantem uma respeitabilidade intelectual a toda sua produção [...] (OLIVEIRA, 1998, p.98).

Já em abril de 65, foi descoberta uma conjuração contra Nero, da qual Sêneca foi acusado injustamente de participar por seu sobrinho Lucano. Isso fez que Nero ordenasse que ele se suicidasse.

[...] Obrigou Sêneca, seu preceptor, a suicidar-se embora a seus freqüentes pedidos tivesse respondido com o juramento aos grandes deuses “de que suas suspeitas eram vãs e que preferia morrer a ter que lhe fazer mal” [...] (SUETÔNIO, 2002, p. 375).

Contudo, frente a essa ordem, Sêneca se submete e abrem-lhe as veias dos pulsos. Paulina, sua mulher, queria acompanhá-lo na morte; porém, ao abrirem-lhe as veias, sentia muita dor e chorava, então Sêneca pede que a levem de lá.

Sêneca pede que abram também as suas veias dos pés, para que o sangue saia mais rápido, mas a morte demorava a chegar; assim pede que lhe dêem veneno: cicuta, o mesmo que bebera Sócrates. Depois, pediu para o

colocarem em um banho quente e, após a morte, fora cremado.



Fig.8 - A morte de Sêneca  
Fonte: <http://pot.porri.fltr.ucl.ac.be>

Sêneca pôs fim a vida antes que Nero mandasse executá-lo; morre dignamente, assim como propõe na sua carta.

[...] A vida não é um bem que se deve conservar a todo custo: o que importa não é estar vivo, mas sim viver uma vida digna! [...] (SÊNECA, 1991, p. 264).

Conclui sua existência combinando a prática com a reflexão, o que foi seu ensinamento em toda vida.



Fig. 9 – A morte de Sêneca II  
Fonte: [www.educnet.education.fr](http://www.educnet.education.fr)

[...] Sêneca é um homem que pertence à história e não apenas à filosofia. Ele mesmo testemunhou a força do pensamento estóico. Sua ambição mais íntima era servir ao império romano e aos homens. Ambas as coisas conseguiu-as. Levava uma vida interior intensa, fascinado pelos problemas morais [...] (ULLMANN, 1996, p. 13)

## 2.2. O HOMEM NASCEU PARA SER FELIZ.

As questões que dizem respeito à formação do homem foram uma preocupação na obra de Sêneca, o que evidencia os seus propósitos educacionais (BRAREN, 1985).



Fig.10 – Sêneca  
Fonte: [www.formamentis.net](http://www.formamentis.net)



[...] estou trabalhando para a posteridade. Vou compondo alguma coisa que lhe possa vir a ser útil; passo ao papel alguns conselhos, salutareis como as receitas dos remédios úteis - conselhos que sei serem eficazes por tê-los experimentado nas minhas próprias feridas [...] Indico aos outros o caminho justo, que eu próprio só tarde encontrei, cansado de atalhos [...] (SÊNECA, 1991, p. 18-19).

Segundo o seu entendimento, o sentido da existência humana e o seu aperfeiçoamento fundado na sabedoria passavam necessariamente pela assimilação de preceitos morais, a partir da reflexão filosófica, possibilitadora de uma vida feliz, uma busca constante de toda a humanidade.

Para o pensador, nada exterior ao homem poderia trazer essa felicidade, nem mesmo Deus poderia dotá-lo desse bem, a única capacitada a isso era a alma, sua parte divina, a partir do seu próprio esforço.

Na medida em que a felicidade é uma busca de todos os seres humanos, ela é condição da própria natureza humana. Daí as suas ações concretas serem resultado da disposição da alma, que tem por meta a busca da verdadeira felicidade segura e duradoura (RAIJ, 1986).

[...] A felicidade não é mais do que a segurança e a tranqüilidade permanentes. Quem no-las proporciona é a grandeza da alma [...] Os meios de atingir este estado estão na plena consideração da verdade [...] a moderação, a moralidade, a inocência e a benevolência de uma vontade sempre atenta à razão [...] (SÊNECA, 1991, P.463)

Segundo Sêneca, a maior felicidade estava em não precisar da felicidade e, sem dependência alguma, achar em si mesmo o próprio bem (LEONI, 1957). E o grande engano do homem era buscar o que é próprio da natureza humana racional de forma irracional e individualizada, ou seja, somente para si, o fato de ser entendida assim, na maioria das vezes, traz infelicidade.

[...] Os meus interesses coincidem com os teus; de outra forma não seria teu amigo, se não considerasse como meu tudo o que a ti diz respeito. A amizade estabelece entre nós uma comunhão total de interesses; nem a felicidade, nem a adversidade são fenômenos individuais: vivemos para a comunidade. Não é mesmo possível alguém viver feliz se apenas se preocupar consigo, se reduzir tudo às suas próprias conveniências: tem de viver para os outros quem quiser viver para si mesmo [...](SÊNECA, 1991, p.161-162).

Assim sendo, a forma de prazer buscada pelo homem é o que pode trazer-lhe a tão sonhada felicidade ou a indesejada infelicidade.

Exemplifica esse quadro os prazeres do corpo aos quais os homens se apegam erroneamente e lhe causam grande desilusão quando terminam, pois, além de serem passageiros, levam à escuridão da alma, da consciência de si mesmo e à impossibilidade da felicidade verdadeira. O que, em um primeiro momento, parece fonte de felicidade, quando acaba, é verdadeira fonte de tristeza; o que o corpo do homem quer é buscar, para si, um bem próprio da alma.

[...] Não devemos atribuir ao corpo o ponto mais alto de nossa felicidade; os bens verdadeiros são aqueles que devemos à razão – bens firmes e duradouros, insusceptíveis de decadência, incapazes de padecerem qualquer decréscimo ou limitação! Os restantes bens são-no somente na opinião do vulgo; na realidade apenas têm de comum o nome com os bens verdadeiros, mas carecem das propriedades que distinguem um “bem” real . Chamemo-lhes antes “utilidades” [...](SÊNECA, 1991, p..297)

Em Sêneca, o verdadeiro progresso humano passa pela busca da perfeição e só pode acontecer se guiado pela natureza, ou seja, pela razão; contudo, quando alcançada, traz consigo o germe da felicidade.

Apesar de relativa à natureza humana, a felicidade depende da vontade, fator fundamental para a sua concretização. Dessa forma, Sêneca esboçou um modelo pedagógico, que desembocava necessariamente em um processo de auto-educação (PEREIRA MELO, 2003).

[...] Ainda resta muito trabalho a fazer. Se desejas atingir este objectivo, careces de muita atenção da minha parte, mas também de bastante esforço da tua. A virtude não se conquista por procuração [...] (SÊNECA, 1991, p. 101-102).

### 2.3. A VONTADE: O PRIMEIRO PASSO RUMO À PERFEIÇÃO.



Considerando o destaque atribuído por Sêneca à vontade, o processo formativo só seria possível com o esforço pessoal de cada um nessa direção.

[...] A natureza deu-nos energia suficiente. A questão está em aproveitá-la, em juntar todas as nossas forças e pô-las ao nosso serviço ou, pelo menos, em não as virar contra nós mesmos [...] (SÊNECA, 1991, p..647)

Fig.11 – Escultura de Sêneca  
Fonte:<http://www.portalmundos.com>

O caminho para a realização dessa ação auto-educativa tem como pressuposto o conhecimento de si mesmo, alavancado pela vontade, pela liberdade e pelo ócio, bases do processo rumo à formação do ideal de perfeição imaginado por Sêneca.

O filósofo vê o homem como um ser superior, que se impõe ao meio, não se deixando vencer pela dor e pelas desgraças humanas. Compreender a ordenação do universo, entender as leis da natureza, saber que a natureza humana é parte da natureza universal, que é ela quem determina os fatos, fatos esses que a natureza humana realiza através da vontade. Para isso, Sêneca propõe um exercício da vontade na busca da perfeição humana.

[...] Aquilo que pode fazer de ti um homem de bem existe dentro de ti. Para seres um homem de bem só precisa de uma coisa: a vontade [...](SÊNECA, 1991, p..345).

Querer o que a Natureza determina é a escolha que o homem pode fazer e esse querer, a sua vontade, se movido pela razão, deve estar em sintonia com a Razão Universal que possui uma potência geradora, por extensão, vontade própria:

[...] Um homem será bom se a sua razão for desenvolvida e justa, e se estiver adequada à plena realização da natureza humana [...] (SÊNECA, 1991, p..315)

O homem, pela razão, deve esforçar-se para ver, em todos os acontecimentos, a vontade providencial, não de forma resignada, mas como parte de um todo maior, o que possibilita a verdadeira harmonia. A vontade é apenas o começo. O ímpeto não é ainda o bem, é o impulso, a disposição para realizar e que depende de perseverança.

[...] Aconselhar-te com todo o empenho, que nunca deixes esmorecer ou esfriar o ímpeto que te vai na alma. Conserva-o, dá-lhe forma, de modo a que esse ímpeto de hoje se torne configuração permanente da tua alma [...] (SÊNECA, 1991, p. 56)

Assim sendo, a racionalidade possibilita ao homem agir de acordo com as leis do universo e com a vontade do *Lógos*.

A vontade de progredir do homem, em direção ao bem, toma força quando coloca, como seu objetivo, o progresso moral, independente das dificuldades pelas quais tenha que passar. “[...]E então? – dirás. Tem sido essa a minha vontade! [...]”(SÊNECA, 1991, p. 126).

Esse bem depende da vontade e da harmonia na articulação da palavra com os atos, sem esquecer que essas ações devem ser sempre iguais.

[...] Conservava-se em todos os atos sempre igual a si mesmo, homem bom não por cálculo mas pelo seu caráter o levar não só a ser capaz de agir segundo o bem mas, mais do que isso, a ser incapaz de agir sem ser segundo o bem [...] (SÊNECA, 1991, p. 637)

A vontade, se estiver amparada na razão, ou seja, no *Lógos*, torna-se decisiva, porque define o que é moral ou imoral. A vontade humana, de acordo com a razão, determina o caminho do bem, desviando-o do caminho do mal. Mesmo que o homem ao nascer possua, instintivamente, condições para o bem, entretanto precisa de vontade para desenvolvê-lo, sendo uma determinação da natureza.

[...] Só há uma solução, portanto: ser firme e avançar sem descanso [...] mas grande parte do progresso consiste na vontade de progredir [...] (SÊNECA, 1991, p. 283).

A vontade, quando aceita o destino, contribui para a harmonia universal, e o homem, como parte do universo, é favorecido por essa harmonia, ao participar da ordenação cósmica.

Aceitar o destino é próprio do homem racional que conhece as leis do universo e sabe que sua harmonia advém de uma providência divina, que tudo ordena. O esforço que o homem faz para alcançar esse conhecimento permite querer o mesmo que a divindade. Tem-se uma união da vontade humana com a vontade divina. Com isso posto, não se permite separação, visto que a harmonia universal é dependente dessa união.

A vontade, quando consente o destino, recebe os fatos como derivados de seu próprio querer.

[...] O destino “não é, de nenhum modo, o encadeamento das causas e dos feitos, mas muito mais do que isso, a causa única que faz, ao mesmo tempo, a união de todas as causas no sentido de que

compreende em sua unidade todas as razões” [...] (BRÉHIER, *in* OLIVEIRA, 1998, p.119).

Portanto, para Sêneca, deve-se apreender a querer o que o destino possibilita, o que o *Lógos* Universal, a cada um individualmente, pré determina.

[...] É o que te digo: Quem cumpre de boa vontade uma ordem evita o mais amargo aspecto da servidão, que é fazer alguma coisa contra a vontade. Ninguém é infeliz quando faz algo porque o mandam, mas sim quando o faz de má vontade. Preparemos, portanto, a nossa alma para fazer voluntariamente o que a circunstâncias de nós exigirem [...] (SÊNECA, 1991, p. 128)

O homem, conformando-se com a natureza, deixando-se conduzir e se adequando a ela, atinge o equilíbrio perfeito com o *Lógos* e a sua vontade, o que leva à felicidade.

[...] Se resistir, terei de seguir-te gemendo, suportando de má vontade o que podia ter feito de bom grado. O destino guia quem o segue, arrasta quem lhe resiste [...] (SÊNECA, 1991, p. 590)

Apesar da importância que Sêneca atribui à vontade, ela não apresenta virtualidade em si mesma, por não ter condição de levar ao processo formativo caso o homem não disponha de liberdade.

#### **2.4. A LIBERDADE: UMA PROPRIEDADE DA ALMA.**

A partir dessa essencialidade da liberdade, Sêneca demonstra que só por meio da liberdade o homem pode encontrar o caminho da perfeição, da superação e de qualquer forma de opressão que possa enfrentar em relação ao corpo, às paixões sensuais, aos bens materiais e até mesmo à morte.



Fig.12-Sêneca  
Fonte:  
[www.efira.com](http://www.efira.com)

No que diz respeito ao corpo, considera-se a sua dualidade: deve ser reconhecido o seu devido valor, mas nunca maior do que se deve dar à alma, sua parte divina, sendo ela quem deve comandar as ações humanas.

Por ser a alma divina, detém força e poder singular: é “Um deus morando num corpo humano”. Esse parentesco com a divindade é a raiz da sua perfeição, motivo de o homem lutar para favorecer a sua liberdade, visto que se acha presa ao corpo, que se constitui em um cárcere para ela, sendo limitada e condicionada por ele. Dessa forma, o corpo é para a alma um obstáculo para a perfeição; portanto a parte superior e mais nobre da natureza humana se acha submetida e escravizada pela parte inferior do homem (PEREIRA MELO, 2004).

[...] De facto este nosso corpo é para o espírito uma carga e um tormento; sob o seu peso o espírito tortura-se, está aprisionado, a menos que dele se aproxime a filosofia para o incitar a alçar-se à contemplação da natureza, a trocar o mundo terreno pelo mundo divino. Esta a liberdade do espírito, estes os seus vãos: subtrair-se ocasionalmente à prisão e ir refazer as forças no firmamento! [...] (SÊNECA, 1991, p..233).

Para Sêneca, mesmo que corpo e alma andem juntos, não são sócios com partes iguais, pois, enquanto aquele pode ser escravizado, esta é livre.

O homem que entende essa dinâmica de forma inversa torna-se escravo da sua parte inferior e possibilita que as paixões comandem suas ações, e a alma presa ao corpo submetido às paixões perde a liberdade para a qual nasceu. Ao homem cabe controlar as necessidades do seu corpo, satisfazer-se com o que as circunstâncias lhe possibilitam. Ao dominar a si mesmo, abre o caminho para a perfeição, busca que exige esforço e persistência.

Nessa mesma esteira, está a escravidão do homem em relação à fortuna. “[...] As riquezas, para o sábio, são escravas, e para o tolo são senhoras [...]” (SÊNECA, 2001, p. 71).

A aquisição de bens desnecessários leva o homem a perder sua liberdade, porque ele passa a depender de quem as ofertou ou de outros para a direção da sua vida, vindo a perder totalmente sua liberdade. A forma com que a fortuna é utilizada pode trazer alegrias ou tristezas, e a alma, parte espiritual do homem, é que poderá saber de que forma agir para não ser escravo dela.

Qualquer forma de dependência retira do homem a possibilidade de ser o seu próprio dono, portanto retira-lhe a liberdade. Faz-se necessário, então, que a fortuna pertença ao homem, e não o homem pertença a ela.

[...] estar pronta a utilizar os dons da fortuna, sem ser escrava deles  
[...] que daí se seguem uma tranqüilidade e uma liberdade contínuas [...] segue-se uma imensa alegria, sólida e invariável, e depois a paz [...] (SÊNECA, 2001, p..9-10)

O homem, é um ser social, dependente dos demais homens para sua existência; no entanto essa dependência não pode escravizá-lo. Nem mesmo a amizade, outra necessidade da alma, pode levar a essa situação, a sua nobreza está no fato de não impor qualquer forma de submissão e/ou opressão àquele que a exercita. Dada a sua importância, para Sêneca, até mesmo o sábio, apesar de bastar-se a si mesmo, deve ter amigos, desde que em nada comprometa a sua independência.

Outro aspecto que Sêneca levanta, também em relação à liberdade do homem, diz respeito à morte, fator que atormenta a existência humana, o que faz que ele procure orientar os homens, apresentando a morte como possibilidade de libertação frente aos entraves que a vida possa trazer; isso faz que, para Sêneca, a morte não seja um mal, mas um bem, que liberta o homem da sua escravidão.

[...] Quem assim fala não vê como está tornando impossível a liberdade! Nada de melhor concebeu a lei eterna do que, embora apenas nos dando uma porta de entrada na vida, ter-nos



proporcionado múltiplas saídas [...] A vida agrada-te? Então, vive!  
Não te agrada? És livre de regressar ao lugar donde vieste! [...]  
(SÊNECA, 1991, p. 267)

Graças à possibilidade de optar pela morte, a vida deve ser levada adiante até o momento em que for digna; caso contrário, será legítimo morrer voluntariamente. A esse termo, vale colocar que Sêneca inicia uma reflexão sobre a imortalidade da alma.

Também mereceu especial atenção de Sêneca a questão da escravidão, no seu aspecto social, mesmo quando não chegou a propor uma nova orientação sobre a questão, visto que, no seu tempo, a escravidão era tida como natural.

A liberdade somente teria sentido no processo autoformativo senequiano, caso parte do seu tempo fosse destinado à reflexão, o que levou Sêneca a considerar o “ócio útil” a esfera apropriada para a realização do seu modelo educacional.

## 2.5. O “ÓCIO ÚTIL”: ESPAÇO PARA A AUTO-FORMAÇÃO.



Fig.13 - Escultura de Sêneca  
Fonte: [www2.ac-lyon.fr/enseigne](http://www2.ac-lyon.fr/enseigne)

Visto as dificuldades externas, o “ativismo” que o homem poderia enfrentar no seu processo formativo, Sêneca propõe o “ócio útil”, o tempo livre para reflexão. Esse tempo livre, o “ócio útil”, não se trata simplesmente de um descanso, mas sim de parte integrante na busca da formação

do homem ideal, o espaço para combater dúvidas e intranqüilidades próprias do árduo caminho rumo à perfeição.

Em face disso, Sêneca recomendava o “ócio” para o homem ético e moralmente preparado para o seu exercício.

[...] Um homem que viva retirado passa aos olhos do vulgo por viver no ócio, tranqüilo e contente de si, por viver apenas a sua vida, quando de fato um tal tipo de vida somente está ao alcance do sábio. Apenas o sábio sabe o que é viver! [...] Deixar de viver para os outros não significa automaticamente que vivamos para nós mesmos! A constância e a firmeza de propósito, todavia, são algo de tão importante que mesmo uma inactividade persistente consegue forçar à admiração! (SÊNECA, 1991, p. 188).

Assim sendo, o “ócio útil” constituía-se no espaço em que o homem contemplava vitórias e fracassos, bem como planejava novas medidas e organizava novas ações.

[...] A sabedoria é algo de grande e de vasto; exige para si todo o espaço; temos de nos debruçar sobre o divino e o humano, sobre o passado e o futuro, sobre o transitório e o eterno, sobre o tempo [...] antes de haver tempo, alguma coisa existiu sem tempo, se apareceu quando começou o universo, ou se porque ainda antes do universo já existiu algo, o tempo também então existiu [...] (SÊNECA, 1991, p..425)

Daí ser a condição indispensável para se realizar a auto-educação, mas Sêneca adverte que o ócio sozinho não garante o acesso à sabedoria, porque essa depende da disposição interior de cada um em utilizá-lo de forma positiva. A positividade do “ócio útil” expressa-se enquanto espaço da investigação e da reflexão que levam ao conhecimento, ao encontro de modelos facilitadores do exercício formativo.

## **2.6. O MODELO: UM RECURSO À DISPOSIÇÃO DA PERFEIÇÃO**



Fig.14 – Busto de Sêneca  
Fonte: digilander.libero.it

Tendo em conta que a caminhada autoformativa solitária se constitui em uma grande dificuldade, visto as interferências externas e os retrocessos provocados pela falta de conhecimento, Sêneca aconselha a escolha de um modelo para se orientar nesse processo.

[...] É útil, sem dúvida, termos acima de nós um mestre, alguém cuja aprovação procuremos, alguém que, por assim dizer, participe dos nossos pensamentos

[...] (SÊNECA, 1991, p. 97)

Um modelo conhecedor do caminho da perfeição orientará a direção a ser tomada, a hora de seguir e a hora de parar, para atingir o objetivo proposto, a perfeição (PRADO, 1946-47).

Nesse caminhar, o homem deve utilizar o recurso de um modelo que lhe dê segurança para percorrê-lo acertadamente.

[...] Os espíritos mais fracos, contudo, necessitam de alguém que os guie, dizendo : “Deves evitar isto, deves fazer aquilo”. Além disso, se quisermos esperar a altura em que, por nós mesmos, saibamos qual o melhor modo de agir, iremos entretanto cometendo erros impedir-nos-ão de atingir um ponto em que possamos estar contentes conosco; devemos deixar-nos guiar enquanto ainda estamos aprendendo a guiar-nos por nós mesmos. Também as crianças aprendem a escrever pelo exemplo: pega-se-lhes nos dedos, a mão do mestre guia-os sobre os desenhos das letras, depois diz-se-lhes que imitem o modelo apresentado, e que por ele corrijam a sua caligrafia. Um tal auxílio deve ser dado ao nosso espírito enquanto aprende a guiar-se por um modelo [...] (SÊNECA, 1991, p. 495)

Segundo Sêneca, a história é generosa em oferecer exemplos de homens cujas existências constituem-se em verdadeiros modelos para a humanidade, assim como estão sempre prontos a atender os homens que por ventura lhes procurarem.

[...] aqueles fundadores das sublimes filosofias nasceram para nós. [...] Podemos discutir com Sócrates, duvidar com Carnéades, encontrar a paz com Epicuro, vencer a natureza humana com a ajuda dos estóicos, ultrapassá-la com os cínicos. [...] Nenhum deles deixará de estar à nossa disposição, nenhum despedirá o que o procurar, sem o que faça mais feliz e mais devotado a ele, nenhum permitirá a quem quer que seja partir de mãos vazias; eles podem ser encontrados por qualquer homem, tanto durante o dia como à noite (SÊNECA, 1998, p. 46)

Apesar desse manancial a ser abstraído dos grandes homens da história, Sêneca sugere que, quando o homem se sentir seguro em relação aos seus propósitos, deve afastar-se do acompanhamento do seu modelo, por já estar apto para iniciar a sua caminhada evolutiva rumo à felicidade, à perfeição, o que não seria possível sem o exercício da reflexão filosófica, que, para o pensador, assume a condição de mestra da humanidade.



Fig. 15 – Desenho de Sêneca  
Fonte: [www.uc3m.es](http://www.uc3m.es)

### CAPÍTULO III

## OS CONTEÚDOS FORMATIVOS DA EDUCAÇÃO SENEQUIANA

A partir da posse do que se intitulou “As bases do Processo Autoformativo Senequiano”, o homem proposto por Sêneca estava habilitado para iniciar a sua vivência na filosofia, que para Sêneca era “arte de vida e de morte”.

Entendimento que faz da filosofia a possibilitadora da tomada de consciência da condição humana, por ser a responsável pela formação da alma, pelo aprimoramento das ações, pelo aperfeiçoamento moral, pelo rompimento com os vícios, pelo retorno à natureza. Nessa mesma esteira formativa, assume a condição de refúgio e de consolação para as dificuldades e as dores da vida.

### 3.1. FILOSOFIA: A ARTE DE VIDA E DE MORTE.



Fig. 16 - Sêneca

Fonte: [www.efira.com](http://www.efira.com)

Ao atribuir essa potencialidade à filosofia, Sêneca entende que o processo autoformativo somente se concretizaria com a constância de uma rigorosa reflexão filosófica; a única condição para o acesso aos diferentes graus da perfeição, que o pensador esquematizou da forma seguinte: o primeiro grau é de quem está muito perto de atingir a sabedoria plena e não corre o risco de voltar aos vícios; o segundo grau é de quem alcançou algum conhecimento, mas corre o risco de voltar aos vícios; e o terceiro é de quem está preso a alguns vícios:

[...] A primeira classe abarca aqueles que, embora ainda não atingindo a sapiência, já se encontram muito perto de o conseguir; o próprio facto de estarem perto, contudo, implica que a sapiência ainda lhes é exterior. Se me perguntas que classe de homens é esta, a minha resposta será: são os que se libertaram já das paixões e dos vícios, e adquiriram os conhecimentos necessários a esse fim, sem conseguirem ainda prosseguir nessa via com confiança inabalável. Não alcançaram ainda na prática o sumo bem, mas já não lhes é possível voltar aos vícios abandonados, o ponto a que chegaram já não admite retrocesso, mas ainda não têm uma noção clara sobre si mesmos, ou, conforme eu me lembro de já te ter escrito em outra carta, “não sabem que sabem”! Já lhes é dado gozar do seu bem próprio, mas ainda não confiam nele sem reservas [...] A segunda classe compreende aqueles que se

conseguiram libertar das principais enfermidades da alma e das paixões, mas não a ponto de gozarem definitivamente de um estado de perfeita tranqüilidade. Por outras palavras, estão ainda sujeitos a retroceder ao estágio precedente. A terceira classe já está liberta de numerosos e consideráveis vícios, mas ainda não de todos. Está livre da avareza, mas sujeita ainda à ira; já não é tentada pelo prazer, mas é-o ainda pela ambição; está liberta do desejo, mas não do temor, e, no que toca aos objectos de temor, pode mostrar-se firme perante alguns mas ceder perante outros: por exemplo, não recear a morte, mas ter medo da dor física. Meditemos um pouco neste ponto: já seria muito bom para nós se nos pudéssemos incluir nesta terceira classe [...] (SÊNECA, 1991, p. 308-309).

No primeiro grau, encontram-se aqueles que abraçaram a filosofia e, com estudo exaustivo, colocam-se a caminho da sabedoria que possibilitará a perfeição.

O segundo grau possui um considerável conhecimento intelectual fruto da investigação filosófica, mas ainda insuficiente para lhe garantir a tranqüilidade total frente às perturbações dos desejos do corpo, podendo sucumbir a eles.

O terceiro grau, embora considere que já alcançou algum progresso, mesmo que seja mínimo, o que garante estar livre de alguns vícios, ainda está distante da possibilidade de tranqüilidade.

Dada a importância que atribuía à filosofia, Sêneca defendia a ideia de que a dívida do homem para com ela era maior do que tinha para com os deuses que lhe deram a vida.

[...] Quem duvidará, Lucílio amigo, que se devemos a vida aos deuses imortais, é à filosofia que devemos a vida virtuosa? Por esta razão, porque consideramos justamente a vida virtuosa como superior a vida em si, pareceria que a nossa dívida para com a filosofia seria muito maior do que a que temos para com os deuses se não fosse o caso de terem sido os deuses quem nos concederam a filosofia. O conhecimento dela, não o deram a ninguém, mas facultaram a todos a possibilidade de o abordar [...] (SÊNECA, 1991, p. 439).

Mas essa reflexão filosófica deve orientar a vida, ter consonância entre a teoria e a prática.

[...] O objetivo da filosofia consiste em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos actos [...](SÊNECA, 1991, p.55).

[...] A filosofia, essa, ensina a agir, não a falar, exige de cada qual que viva segundo as suas leis de modo que a vida não contradiga as palavras, nem sequer se contradiga a si mesma; importa que todas as nossas acções sejam do mesmo teor. O maior dever – e também o melhor sintoma – da sabedoria é a concordância entre as palavras e os actos [...](SÊNECA, 1991, p. 70).

Desse modo, a filosofia não deve ser somente reflexão, apenas contribuição teórica, reduzida à contemplação das verdades materiais ou espirituais, o que nenhum proveito traz ao homem. O estudo da filosofia deve possibilitar o discernimento sobre a melhor forma de agir na procura da felicidade (PRADO, 1946-47).

Não se deve ensinar apenas a conhecer coisas, mas ensinar a viver bem (FRAILE, 1971).

[...] Se os deuses tivessem feito da filosofia um bem comum a todos, e nós já nascêssemos sábios, a sabedoria perderia a sua característica mais importante, que é precisamente o facto de não ser devida ao acaso. Tal como as coisas são, o que faz dela um bem precioso e supremo é o facto de nos não ser dada, de cada um a obter com o próprio esforço, de ninguém a poder ir tomar de empréstimo. Que haveria na filosofia capaz de merecer a nossa admiração se ela fosse um objecto que se pudesse oferecer? A sua única tarefa é descobrir a verdade acerca das coisas divinas e humanas; nunca estão à margem dela a religião, a piedade, a justiça e todo o restante cortejo de virtudes interligadas e coerentes entre si. A filosofia ensina-nos a respeitar o divino e a amar o humano [...](SÊNECA, 1991, p. 439).

Ao orientar a consciência, a filosofia conduz à virtude, à felicidade e à identificação da razão humana com a Razão Universal, ou seja, com o *Lógos*:

[...] Sêneca [...] faz consistir toda a filosofia na moral, sobretudo na prática dos preceitos concretos, [...] A maior parte de suas obras constituem ensaios de ética, perpassados de conselhos sobre como proceder no dia a dia [...] (ULLMANN, 1996, p.38).

Segundo Sêneca, é impossível levar uma vida feliz sem a filosofia, pois é ela quem proporciona ao homem o acesso à sua plenitude.

[...] A filosofia [...] consiste [...] em apontar-nos o que devemos fazer ou por de lado, em sentar-se ao leme e fixar a rota de quem flutua à deriva entre escolhos [...] (SÊNECA, 1991, p. 55).

Sendo o seu objetivo atingir a sabedoria, é preciso dar sentido à reflexão, o que se alcança com a ação.

[...] Há porém, uma coisa que te peço, meu caro Lucílio, com todo o empenho: interioriza a filosofia no mais íntimo de ti mesmo e fundamenta a avaliação do teu progresso não em palavras que digas ou escrevas, mas sim na tua firmeza de ânimo e na diminuição de dos teus desejos; comprova as palavras com os actos [...](SÊNECA, 1991, p. 69-70).

As ações dos homens, quando estão de acordo com as verdades descobertas através da reflexão filosófica, conduzem ao caminho da perfeição. Sêneca sugere “regras de conduta” para orientá-las (PRADO, 1946-47).

[...] A filosofia não é uma habilidade para exhibir em público, não se destina a servir de espectáculo; a filosofia não consiste em palavras, mas em acções. [...] (SÊNECA, 1991, p. 55).

Ao orientar a conduta humana, a filosofia assume sua função “diretiva”; por outro lado, ao apontar o que se deve ou não fazer, manifestava a sua função “normativa”. Não obstante, a filosofia não se contenta em infundir “princípios” ou “convicções”, dita “preceitos”, ou seja, regras de conduta. Outra das suas



virtualidades é que proporciona segurança e firmeza em meio às dúvidas e às dificuldades; tem, portanto, uma função “confirmadora” e “confortadora”.

[...] A filosofia dá-lhe a possibilidade de manter a alegria com a morte diante dos olhos, de estar forte e contente seja qual for o estado físico, de não perder a força da alma quando se esvai a do corpo [...] (SÊNECA, 1991, p. 111).

Acrescente-se a isso o fato de ser fonte dos verdadeiros prazeres: daí a sua função “gratificadora”.

[...] Tu não podes escapar ao inevitável, mas pode vencê-lo! Abre-se caminho à força, e esse caminho será a filosofia a indicar-te. Dedicaste a ela, se de facto queres salvar-te, se queres viver seguro e feliz, se queres enfim, e isso é o fundamental, ser livre [...] (SÊNECA, 1991, p. 132).

Enfim, ao cumprir essas funções, a filosofia socorre o homem, resgata-o da escravidão e libera-o da fortuna: tem uma função “soteriológica” (PEREIRA MELO, 2004).

[...] A filosofia deverá circundar-nos, como uma muralha inexpugnável que a fortuna, embora a assalte com inúmeros engenhos, nunca poderá transpor. (SÊNECA, 1991, p. 361).

Enfim, para Sêneca, a filosofia não era apenas a arte de viver, mas era também uma arte de morrer, e o saber morrer é parte integrante da arte de viver (LI, 1998).

[...] Deve-se aprender a viver por toda a vida, e, por mais que tu talvez te espantes, a vida toda é um aprender a morrer. Muitos dos maiores homens, tendo afastado todos os obstáculos e renunciado às riquezas, a seus negócios e aos prazeres, empregaram até o último de seus dias para aprender a viver, contudo muitos deles deixaram a vida tendo confessado ainda nada sabê-lo [...] (SÊNECA, 1998, p. 34).

Para Sêneca, deve-se aprender a viver por toda vida e a vida é um aprender a morrer; a filosofia, ensinando a arte de bem viver e de bem morrer, faz-se pedagoga da humanidade (ULLMANN, 1996).

Ao desempenhar esse papel de ensinar ao homem viver feliz e morrer dignamente, assume o seu caráter pedagógico. Ao ajudar o homem, passo a passo, apontando-lhe o caminho para viver autenticamente, a filosofia possibilita a sabedoria indispensável para se alcançar a perfeição e uma vida feliz.

[...] A filosofia, essa, ensina a agir, não a falar, exige de cada qual que viva segundo as suas leis, de modo que a vida não contradiga as palavras, nem sequer se contradiga a si mesma; [...] sabedoria é a concordância entre as palavras e os actos [...] (SÊNECA, 1991, p. 70).

### 3.2. SABEDORIA: O BEM SUPREMO.

Mesmo que a sabedoria esteja intimamente ligada à filosofia, Sêneca aponta a diferença entre ambas, definindo-as da seguinte maneira:

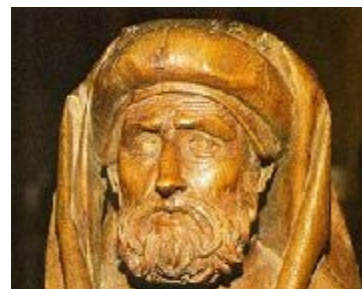


Fig.17 – Estatua Sêneca  
Fonte: perso.wanadoo.fr

[...] Para começar, se achas bem, dir-te-ei qual a diferença entre sabedoria e filosofia. A sabedoria é o bem supremo do espírito humano, enquanto a filosofia é o amor, o impulso pela sabedoria, aquela aponta o fim que esta alcança [...] A sabedoria tem sido definida por alguns como a ciência das coisas divinas e humanas; para outros, a sabedoria consiste em conhecer o divino e o humano [...], também a filosofia tem sido definida de várias maneiras: uns consideram-na o estudo da virtude, outros o estudo do modo de adquirir idéias concretas; por alguns outros foi ainda definida como a busca de uma razão justa. Onde há, praticamente, acordo é em considerar que a filosofia e a sabedoria são duas coisas diferentes (SÊNECA, 1991, p. 432).

Por meio da sabedoria, o homem passa a ser único e igual a si mesmo, ela faculta ao homem a constância nos seus atos, o discernimento entre o

justo e o injusto e conhecer a si mesmo, tendo por meta conhecer a sua própria natureza e a verdade universal.

A sabedoria também exige o ajuste completo entre as palavras e os atos, de nada vale a teoria se a prática não vier junto, de nada vale a posse de um bem se não for utilizado. A perfeição que a sabedoria oferece implica, pois, não somente o domínio do conhecimento, mas a sua aplicação na prática da vida.

A sabedoria, como ciência das coisas, deve ser buscada por todos, para que se adquiram as verdades já encontradas e se descubram novas verdades. Motivo da necessidade de sua busca ser constante, pois, para o pensador, a sabedoria não se esgota, deve-se sempre procurar apreender:

[...] Temos de estudar enquanto formos ignorantes; e, se é verdadeiro o provérbio, temos de aprender até morrer! Em nenhum caso, aliás, o ditado se aplica melhor do que neste: enquanto vivermos, temos de aprender a viver! E eis aqui um ponto em que eu posso ensinar alguma coisa. Sabes o quê? Que mesmo um velho tem sempre algo a aprender [...] (SÊNECA, 1991, p. 311).

Nesse sentido, o domínio da sabedoria depende do esforço pessoal de cada homem.

[...] A sabedoria só se obtém pelo esforço. Para dizer a verdade, nem sequer é necessário grande esforço se, como disse, começarmos a formar e a corrigir a nossa alma antes que as más tendências cristalizem [...] (SÊNECA, 1991, p. 171).

Assim, a sabedoria dará à alma a possibilidade da perfeição tão almejada, mas o bem maior que pode possibilitar à humanidade é pôr-se a serviço do homem; se hábil, poderá abstrair dela todos os bens necessários para a sua composição, tendo como referencial preceitos morais que lhe dêem sustentação ao longo da vida e, até mesmo, na morte.

### 3.3. MORAL: FORTALECIMENTO DO HOMEM.



Fig. 18 - Sêneca

Fonte: [www.tommaso.rai.it](http://www.tommaso.rai.it)

Em Sêneca, a moral é o caminho que a alma percorre na busca da resistência contra as adversidades da vida, é o fortalecimento contra os males do mundo e resume-se na máxima, já mencionada: “viver conforme a natureza, ou seja, viver segundo a razão”, viver a sua própria essência.

[...] A natureza é uma potência ordenadora imanente que dá ao homem sua condição racional e lhe impõe a tarefa de agir de acordo com esta constituição. O fim ao qual tende a natureza humana é o próprio fim que lhe prescreve a natureza universal [...] (OLIVEIRA, 1998, p.127).

O viver segundo a natureza pressupõe o bem que dá ao homem os dons e os meios necessários para determinar suas próprias ações. O homem moral é aquele que age de acordo com a razão e está de acordo com a vontade da Natureza, princípio regente do Universo, motivo de ser qualificada como divina.

[...] Viver de acordo com a natureza, é, como sabemos, a máxima estoíca. Portanto, é preciso conhecer primeiro a ação da natureza antes de poder conformar-lhe a ação humana. E conhecer a natureza significa menos compreender o que deve ser feito, e muito mais compreender o que ela faz, para que seja possível compreender o que deve ser feito [...] (OLIVEIRA, 1998, p.99/100).

Ao submeter-se à ordem do universo, onde se encontra a razão cósmica, que provém de Deus ou do *Lógos*, e não se afastar de sua rota constitui, para Sêneca, a verdadeira sabedoria.

[...] Assim, para o homem, viver segundo a natureza é viver de acordo com a razão que é específica nele, deve, pois, a razão ser medida de tudo na vida [...] (PRADO, 1946-47, p. 164)

O homem, com a força da razão, pode resgatar-se moralmente, pode ser seu próprio juiz frente às dúvidas que a vida, no seu cotidiano, lhe apresenta. A sabedoria, em todos os âmbitos, leva à decisão correta e à conduta moralmente aceita. A racionalidade possibilita a observação da natureza, que é parte essencial na busca da perfeição moral ou do bem supremo.

[...] O que é então a razão? É a imitação da natureza. E em que consiste para o homem o supremo bem? Em comportar-se segundo a vontade da natureza [...]. (SÊNECA, 1991, p. 247-248).

A felicidade decorrente do exercício moral, afasta o homem das paixões que levam a atitudes irracionais que podem atrasar o processo de perfeição. A paixão, os desejos e tudo o que for instintivo, que derivar do corpo devem ser eliminados, perpetuando-se o que vem da alma, parte elevada do homem, ou seja, o que advém da razão.

O homem moral domina os instintos, as inclinações indesejadas, por ser o seu próprio artífice, motivo do valor moral ser medido pela própria conduta, pelo modo de viver, características que devem pautar a existência do homem perfeito, que tem na virtude o princípio da sua existência.

### 3.4. VIRTUDE: PRINCÍPIO DE HARMONIA.



Fig.19 - Sêneca  
Fonte:  
www.louvre.fr

Sêneca, com relação à virtude, orienta que o homem deve buscá-la com toda sua força, por ser o bem maior que leva à perfeição.

Segundo o pensador, percebe-se o homem virtuoso por seus atos sempre invariáveis e por suas ações

justas, corajosas, moderadas, prudentes, persistentes, generosas, tolerantes, cautelosas, paciente, gentil, mas também na frugalidade, na criticidade, no autodomínio e por ser escrupuloso na gestão do Estado.

Na virtude encontra-se a total harmonia, o ideal de vida feliz. Em face disso, homem virtuoso e perfeito aceita tudo o que o destino lhe oferece, sem reclamar, pois sabe que é um cidadão do universo.

[...] Tal homem possui uma alma perfeita, levada ao máximo das suas potencialidades, tal que acima dela nada há senão a inteligência divina, uma parte da qual, aliás, transitou até este peito mortal [...] (SÊNECA, 1991, p. 674).

Para Sêneca, o único bem é a virtude, não existe o bem onde não existe virtude, motivo de ela residir na melhor parte do homem, ou seja, na sua parte racional, o que determina o comportamento humano de acordo com as leis da natureza.

Assim, a virtude torna-se possível a partir do momento em que o homem viver conforme a natureza, longe do vícios (RAIJ, 1986). Nesse sentido, a virtude contrapõe-se ao vício, por levar o homem ao caminho do bem, ao contrário do vício, que leva para o caminho do mal.

[...] A virtude é algo grande, elevado, rígido, invencível, infatigável; o vício é baixo, servil, fraco e frágil; seu lugar ordinário são os cabarés e os lugares escuros. A virtude, encontrá-la-eis nos templos, na praça pública, no senado, nas praças de guerra, coberta de poeira, a tez bronzeada, de mãos calejadas pela fadiga. O vício esconde-se, prefere as trevas: vê-lo-eis nos banhos, nas termas, nos lugares que temem a polícia, efeminado, enervado, cambaleado de embriaguez, pálido ou de rosto maquilhado, manchado de pomadas e recendendo perfumes[...] (SÊNECA, 2001, p. 18).

A virtude não se conquista rapidamente, visto a sua complexidade, mas pode existir virtude onde não se atingiu completamente a perfeição. Mas, em

qualquer situação, não basta apenas querê-la, exige-se esforço e comprometimento.

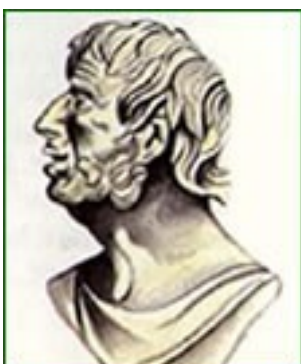
[...] O laço mais forte a prender-te à prática da virtude é este: comprometes-te a ser um homem de bem, confirmaste-o por um juramento. Se te disserem que se trata de uma militância ligeira e fácil, estão troçando de ti. Não pretendo enganar-te. Quer na mais nobre quer na mais vil das carreiras a fórmula de compromisso é idêntica: jurar submeter-se “ao fogo, às cadeias, à morte pelas armas” [...] (SÊNECA, 1991, p. 131-132).

A virtude vem a uma alma que procura a perfeição através de uma prática constante.

[...] A virtude autêntica, porém, só é possível a uma alma instruída, cultivada, uma alma que atingiu o mais alto nível através de uma contínua exercitação. Tendemos para este nível, mas não o temos já de nascença; mesmo nos homens melhores, antes da iniciação filosófica, se pode haver matéria-prima para a virtude, não existe ainda a virtude [...] (SÊNECA, 1991, p. 454).

Daí a importância do homem ter discernimento na escolha de práticas positivas, concretas e benéficas, comprometidas com a sabedoria, com a moral e com a virtude, resultado de uma longa, dedicada e persistente reflexão filosófica, tendo em vista o seu aperfeiçoamento e, por extensão, o de toda a humanidade, exercício que particulariza o sábio, o ideal imaginado por Sêneca, dos demais homens.

### 3.5. SÁBIO: O IDEAL DE FORMAÇÃO.



Todo o processo educativo senequiano está voltado para a formação de um homem ideal, do sábio, meta que pressupõe muita luta, muito esforço e grande dedicação.

A grande preocupação do pensador foi apresentar uma diretriz a ser seguida por aquele que deseja ter uma vida feliz, distanciada da imperfeição própria da condição humana.

Fig.20- Desenho de Sêneca  
 Fonte:www.over65.it/salute

[...] El sábio no es insensible, experimenta las pasiones y el dolor, pero sabe sobreponerse a ellas sometiéndolas a la razón. Nunca se deja dominar por la ira, el odio ni la envidia. No puede vivir sin el cuerpo. No pega su corazón a las riquezas, ni se altera cuando las pierde. El sábio afronta los peligros u lucha. Su vida es un esfuerzo heroico para no dejarse doblegar por las adversidades, ni dejarse vencer por la fortuna [...]. El sábio debe mantener por encima de todo una serenidad imperturbable [...] Pero, si es vencido en la lucha, el sábio se somete serenamente al destino, pero sim implorar clemência, como el gladiador que cae ante la espada de su vencedor. Así llega, no solo a parecerse a los dioses, sino hasta a hacerse él mismo dios (SÊNECA, *in* FRÁILE, 1971, p.668).

A educação adaptada às características pessoais de cada um pode desenvolver o potencial humano natural na busca dessa perfeição.

Será a perfeição, postulada por Sêneca, uma meta possível a todos os homens? Se o caminho a ela é coberto de obstáculos, serão todos os homens capazes de percorrê-lo?

Sêneca, diz que Deus não deu ao homem a perfeição, mas sim a capacidade de consegui-la com o próprio esforço. Aparece claramente o pensamento de Sêneca sobre a possibilidade da educação do homem para que ele caminhe em direção à perfeição humana, não só a possibilidade como também a necessidade da educação que o ajude a alcançar a perfeição mostrando os diferentes percursos no caminho da meta almejada.

Sêneca apresenta o homem ao nascer com potencial para a perfeição e não com a perfeição nata. Para ele, a perfeição precisa ser alcançada com luta, porque é meta; quando do nascimento, possui, ainda em germe, o seu potencial e só ao próprio homem cabe o seu autodesenvolvimento.



O processo educativo senequiano pretende realizar no homem esse movimento. Mas, para isso era preciso instigar nos homens o desejo de mudança; então usa de diferentes formas para atrair a atenção de seus discípulos e leitores com o objetivo de orientar a formação do homem que julgava ideal, até mesmo com a própria experiência: “Te contarei tudo o que faço”, fazendo de sua existência uma constante busca de como melhorar essa sociedade e, conseqüentemente, a vida de todos os homens, na busca constante da felicidade.

Sua preocupação social é demonstrada claramente em diferentes momentos de sua obra, o que o leva a apresentar caminhos que impulsionam o ideal do aperfeiçoamento. Sêneca espera que o ideal de aperfeiçoamento despertado nos homens sirva para melhorar a sociedade.

Ele pretende promover a unidade do gênero humano mesmo sabendo que exige muita luta, muito esforço, frente a um momento de grande preocupação apenas com as questões individuais.

Sêneca diz que todos os homens estão unidos por vínculos que garantem sua sobrevivência: “Somos todos cidadãos de uma grande cidade, cujo progresso todos temos deveres e direitos”. Para Sêneca, todos os homens fazem parte de um todo maior que compõe o universo. Contudo, a unidade do gênero humano será uma conquista do sábio, inicialmente de forma subjetiva enquanto vivida apenas dentro de si e objetivamente a partir da sabedoria possível a todos os homens.

A unidade do gênero humano, propagada por Sêneca, não pressupõe apenas a existência de sábios ou de homens perfeitos, o que seria uma utopia; mas a apresenta como união da humanidade, em que existirá também o mal. A existência do mal pressupõe a existência do bem, do perfeito, do sábio,

estes poderão modificar os outros e, assim, transformar a sociedade em algo melhor.

Pode-se verificar, em Sêneca, a utilidade do sábio na sociedade, sem a qual sua perfeição não teria valor algum. O sábio, em sua dimensão social, respeita os imperfeitos e, sem perturbar seu equilíbrio, é clemente para com eles, seu trabalho pela sociedade não é passivo. Sêneca instiga a participação de forma ativa, rejeitando o ócio infecundo.

Em relação à ação, é importante que o sábio tenha momentos de meditação, ócio fecundo que o preparará para o serviço voltado para a humanidade.

O sábio é colocado em contraste com o ser humano do qual Sêneca mostra todas as falhas. Ele apresenta o sábio como modelo normativo que se presta à condição de exemplo a ser seguido, não importando se será alcançado, importa que apresente a diretriz a ser seguida por quem deseja possuir uma vida feliz, distanciando-se do estado imperfeito que a condição humana lhe atribui.

Os contratempos que surgem na vida humana são exteriores à essência humana, o sábio compreende que são passageiros, por isso não se abala, atingindo o equilíbrio necessário, a ataraxia, estado de felicidade plena em que o homem deve ser estável.

A ataraxia só é possível após um grande esforço, não se alcança a perfeição sem luta. Sêneca diz: "Vivere, Lucili, militare este". O homem é a sua própria fonte de bem e sábio é o que se basta a si próprio.

A ataraxia leva a tranqüilidade à alma, afasta a instabilidade e conduz à perfeição. Um estado de harmonia interior que necessariamente deriva da harmonia com a natureza. O sábio deve aceitar as adversidades da vida, chegando

a um estado de equilíbrio, o que lhe possibilita atingir a ataraxia, ou seja, a autonomia, após um grande esforço, pois não se alcança a perfeição sem esforço.

Somente o sábio alcança a autonomia plena, porque possui sabedoria que lhe possibilita compreender as leis da natureza.

[...] o sábio, na imortalidade de sua consciência intangível porque interior, incorruptível porque isolada, supera qualquer relação de forças externas, que agem a seu redor, e torna-se e é sempre o único dono e libertador de si mesmo [...] (LEONI, 1957, p.29).

Para Sêneca, o sábio é aquele que progrediu moralmente. Divide os homens entre sábios e insensatos. Os sábios conformam-se com o *lógos*, conservam a tranqüilidade da alma mesmo nos maiores tormentos; os insensatos são infelizes, escravos de si mesmos. O sábio nada perde, porque ele tem tudo guardado dentro de si, porque a perfeição moral não depende do exterior. Leva a vida em consonância com a ordem universal da natureza da qual sua própria natureza faz parte.

[...] O sábio possui a virtude, é ao mesmo tempo homem que medita e age: meditando compreende as razões da harmonia universal, agindo concorre para esta harmonia, convencido de que há uma vontade universal e que a sua vontade a reflete, o estóico sente-se indicado para governar [...] (NOVAK, *in* LETRAS CLÁSSICAS, n.3, 1999, p..266).

O sábio, para alcançar a tranqüilidade, precisa tomar a si próprio, impondo-se uma ordenação que o leve a seguir a natureza universal racional da qual sua própria natureza faz parte, deixando-se guiar pela razão, sobretudo por um juízo reto.

[...] conduzido pela razão, aquiescendo aos acontecimentos do universo, vivendo em harmonia com a natureza, o sábio estóico é aquele que faz sua a divisa *nihil mirari*, não se espantar com nada [...] (BRUN, 1986, p.95).

As ações guiadas pela razão protegem os homens dos efeitos das paixões, a razão é o único guia que permite a tranqüilidade para a alma. “[...] E a razão, outra coisa não é senão uma parcela do espírito divino inserida no corpo do homem [...]”(SÊNECA, 1991, p. 240).

O sábio procura a perfeição no caminho da virtude e da razão, conhecendo as leis racionais da natureza. Ele é livre, liberdade essa orientada pela razão, pronta para enfrentar as adversidades de forma apática, não se abalando com as adversidades da vida.

O processo de formação do homem ideal, o sábio, depende mais de renúncias do que de conquistas, na busca da apatia que lhe garante a paz de espírito. Quem é sábio controla seus impulsos e suas emoções, assim obtém a total tranqüilidade da alma, é independente das ocorrências do destino, possui autonomia, nada causa dano à sua razão, nem à sua perfeição moral, ele aceita as condições da vida e as toma como de seu querer (ERLER E. GRAESER, 2003).

O sábio é virtuoso, suporta paixões e dor, supera obstáculos que atrapalham seu bem estar, enfrenta perigos sem deixar-se abalar, mantém a serenidade imperturbável.

[...] A indiferença que o homem mostrava diante das coisas era um segredo para viver bem. O sábio agia assim, sem pedir recompensa, porque sabia que essa era a maneira de se conseguir a felicidade. Os caminhos percorridos para se chegar à meta almejada convertiam, muitas vezes, a moral estóica numa técnica um tanto egoísta. O ideal perseguido não era outro senão o aprendizado de manter-se calmo, apático frente à realidade. Portanto, racionalismo, apatia e busca da felicidade se soldam na procura da perfeição. Assim, o princípio da “Virtude pela Virtude” resulta, pois, enganoso no estoicismo [...] (RAIJ, 1986, p.90).

O sábio basta-se a si mesmo, ser sábio implica não ter necessidade de nada. Por isso mesmo, está concentrado em si. Entregue ao estudo da filosofia, obtém a harmonia e o domínio de si. A perfeição de seus atos estaria centrada na virtude e na adequação de sua conduta à razão:

[...] Para ele a autêntica felicidade encontra-se na virtude. Virtude é fidelidade ao *lógos*, é consciência do dever, é domínio de si, é obrigação. Não ampla avenida de prazeres, mas o sentido da ordem há de indicar o itinerário do homem [...] (ULLMANN, 1996, p.65).

O sábio deve afastar-se dos desejos, preparar-se contra as desgraças, ficar calmo frente às injustiças, não perder tempo com acontecimentos que o desviem do aperfeiçoamento moral. É o único dono e libertador de si mesmo. Um sábio, para Sêneca, possui constâncias nas ações e nos propósitos em quaisquer circunstâncias, sejam boas ou más, não perdendo seu tempo com banalidades, é senhor de si mesmo e não deixa desviar seus propósitos por coisas passageiras.

Nesse caso, a perfeição de seus atos está centrada na virtude e na razão, e, vivendo sob a orientação da razão, conhece as leis racionais da natureza universal, o que lhe permite agir em conformidade com a harmonia universal. O sábio enfrenta as adversidades da vida tranqüilamente, não se deixando levar por vícios ou por paixões, assim contribuindo para essa harmonia.

O sábio deve dominar a natureza e viver de acordo com ela. O sumo bem despreza os acasos da vida e se comporta de acordo com a virtude, liberta-se do medo e do desejo, devido à racionalidade.

Ao sábio cabe extirpar as perturbações advindas do irracional no homem a fim de alcançar a impassibilidade absoluta, a apatia. O sábio, submetendo-se ao destino ou à natureza, o que vem dar no mesmo, alcança a apatia que traz a tranqüilidade interior.

A razão perfeita é o bem próprio do homem. O sábio é, portanto, o que usa adequadamente a razão.

Assim, quem possui a virtude é sábio e, enquanto sábio, é regido pela razão e é feliz. As infelicidades que possa ter advêm dos vícios, que são erros da razão e possibilitam as paixões, as quais, por sua vez, só trazem perturbações ao espírito. O sábio deve retirá-los de si para alcançar a impassibilidade, a apatia que lhe garante ser feliz.

No sábio, os atos são perfeitos porque ele é portador de todas as virtudes e é regido pela racionalidade. Ele conhece as leis da natureza, enfrenta as adversidades sem se deixar abalar e alcança a apatia, que lhe garante constante paz de espírito (VIZENTIN, 2001).

Para Sêneca, um sábio é um homem cuja constância nas ações e nos propósitos se faz sentir em qualquer circunstância, seja ela boa ou má.

A concórdia entre o pensar e o agir são essenciais ao sábio; sem ela, não pode haver perfeição. Em todas as suas obras, apresenta um perfil único.

O sábio não sofre ofensa alguma, porque o mais fraco não consegue atingir o mais forte, assim a fraca covardia não atinge a forte virtude. “[...] Nós definimos o sábio como um homem dotado de todos os bens no mais alto grau possível [...]” (SÊNECA, 1991, p. 603).

O sábio não deve adotar uma atitude conformista, pode, e deve, aspirar sempre mais. O sábio está satisfeito consigo mesmo, o que não impede que

ele goste de um amigo e de alguém que lhe esteja próximo e viva em sua companhia, muito embora baste a si mesmo.

[...] O sábio, para Sêneca, pode viver sem amigos, não que queira viver sem eles. Entretanto, a perda do amigo não deve perturbá-lo. [...] (PRADO, 1946-47, p.167).

O sábio, para ele, não tem dificuldade para conseguir amigos e também para substituí-los. Como amigos, Sêneca diz que se deve escolher aqueles que podem nos tornar melhores, conduzir-nos no caminho da perfeição e aqueles que podemos levar ao aperfeiçoamento. Para Sêneca, a verdadeira amizade se dá entre os sábios.

Sobre a questão da participação do sábio na política, apresenta tanto a adesão à ordem estabelecida como a retirada da vida pública, dependendo das condições em que a sociedade se encontra: Se a vida política está difícil de ser praticada, aconselha, que se dedique mais tempo ao “ócio”.

Quando fala que o sábio deve separar-se do povo para se desenvolver na luta pessoal, não é para ficar alheio à vida dos homens. O recolhimento interior é para poder orientar melhor o progresso da humanidade. A interioridade é, pois, imprescindível.

O sábio dedica seu tempo ao aperfeiçoamento próprio e dos demais homens.

[...] através do exercício constante da *recta actio*, estar em condições de vencer as diversas paixões, com a temperança que só a força da razão pode oferecer. Orientando a vida segundo as regras da natureza, *natura duce* é fundamental seguir uma vida simples, em que as ações sejam, realmente, um reflexo do mundo interior. Aproximar-se-á do sábio aquele que puder caminhar em passo igual, quaisquer que sejam as injunções do destino e do mundo material; aproximar-se-á do sábio aquele que tiver o sentido da confraternização universal, estendendo as mãos aos seus semelhantes e desprezando as demonstrações de vaidade, como habitações majestosas, banquetes requintados, servidos por escravos diversos [...]. (SILVA *in* CALÍOPE, 1984, p.92-93).

Para Sêneca, o sábio é encontrado apenas raramente, e não em todas as épocas. Sua perfeição corresponde ao desenvolvimento das virtudes da natureza racional do homem, que podem ser alcançadas por qualquer um, desde que aplicado e esforçado no estudo e na prática da filosofia.

[...] Em face disso, não se atingia a condição de sábio de maneira apressada, a partir de um momento de “iluminação”, mas, sim, mediante um esforço contínuo, uma aplicação incessante e, sobretudo, um rigoroso exercício da “vontade” [...] (PEREIRA MELO, 2003).

Sendo o sábio um ideal difícil de ser atingido, Sêneca deixa claro que só raramente ele existirá, aproximadamente a cada 500 anos. “[...] O homem de bem [...] o de primeira, é como a fenix, que só aparece uma em quinhentos anos [...]” (SÊNECA, 1991, p. 145).

Também, para Sêneca, poderia vir a ser sábio o homem que não possuía o conhecimento das letras.

[...] Que razão me impede de pensar que pode vir a ser sábio um homem que desconhece o alfabeto, uma vez que a sabedoria não reside no alfabeto? [...] (SÊNECA, 1991, p. 425).

O sábio é apresentado como modelo, para retirar o homem dos vícios e levá-lo à tranquilidade. Homem ideal que, independentemente da época em que nasceu e viveu, passa a ser considerado como exemplo, pelo estilo de vida que pregou e executou serem de tamanha nobreza.

[...] Sábio [...] é o ideal de homem superior, o que não quer dizer que ele acreditasse na efetivação desse ideal, pois não o construiu para a história, mas para fins pedagógicos [...] (GAZOLLA, 1999, p. 71).



A sabedoria fará do sábio um educador, um guia de progresso humano, a humanidade necessita de sua contribuição, de suas excelentes qualidades. Colocam-no nessa condição, como modelo a ser seguido.

[...] A *stoa* [...] abre novas perspectivas para a ação que visa transformar a realidade [...]. Trata-se de uma transformação pela vida pedagógica, informadora das ações [...] (GAZOLLA, 1999, p. 72-73).

O sábio não se deixa perturbar pelas angústias, possui a plenitude da vida, imperturbável, modelo ideal, ponto mais alto da perfeição. Contudo, quando pode considerar-se sábio o homem?

O mais perfeito ou o menos perfeito é uma comparação que se faz com referência a algo e “a grandeza não tem medida fixa”.

Em Sêneca, encontra-se, portanto, um sábio como ideal normativo; ainda que alcançável, nada pode presumir de havê-lo alcançado. Portanto Sêneca mostra o sábio como ideal a ser atingido, a perfeição como meta que exige muita dedicação, um contínuo exercício para conhecer-se a si mesmo, modelar-se a si mesmo.

A utilidade pública da perfeição do sábio é colocada em evidência por Sêneca quando a coloca a serviço da humanidade, ao bem estar dos homens. O ideal de perfeição vale quando vincula-se à influência benéfica sobre os homens.

O sábio não só exerce sua influência benéfica por sua conduta exemplar, que serve de modelo, como também pela própria vocação formativa que lhe é intrínseca.

Sêneca também propõe ao sábio ser pedagogo da posteridade com o objetivo de que ao futuro fosse garantido ser melhor que o momento presente.

Com a possibilidade da intemporalidade, o sábio, através de seu exemplo, provocaria mudança em toda a humanidade em qualquer tempo ou lugar.

O pedagogo da humanidade tem que ser um modelo possível de ser imitado, para assegurar a condição de perfeição de outros homens, orientando o seu caminho, assegurando a outros a possibilidade da sabedoria e da continuação da busca da perfeição nos homens.

O que sustenta esse pensamento de Sêneca é o seu otimismo sobre a natureza humana. Acredita na ação educativa do modelo de sábio, mas também da ação impulsionadora que os escritos senequianos podem proporcionar ao gênero humano, embora não de forma conclusiva, visto que, em muitos momentos, refere-se, com entusiasmo mesmo, à importância da autoformação.

Quanto à eficácia dos exemplos do sábio, isso se deve mesmo à ação formativa que ele exerce em si mesmo, ou seja, a ação autoformativa.

O trabalho de orientação do sábio sobre o gênero humano deve impulsionar a todos na procura do saber, com o que caminharão a passos largos no percurso que leva à perfeição.

O caminho que leva à perfeição é difícil, com perigo de desânimo e de abandono, sendo necessário ajudar o homem nesse caminho.

Sêneca apresenta a necessidade do modelo ideal de homem para ajudar os homens a enfrentarem os vícios que desestruturam a sociedade. A necessidade de homens que sejam capazes de orientar a humanidade é a prioridade do pensamento senequiano. Será, então, necessário preparar esses homens; tarefa essa a ser executada pela filosofia, que leva consigo a vocação formadora. Essa vocação formadora deve, independentemente da atividade que o sábio desempenhe, estar a serviço do aperfeiçoamento dos demais.

A questão do exemplo que o sábio deve dar aos discípulos, e até a toda a humanidade, torna-se pressuposto básico na questão da formação, embora precise haver preocupação com as diferentes características entre os homens.

Sêneca não encontra impossibilidade alguma de acesso à perfeição, porém diz que nem todos sobem pelo mesmo caminho. O que ele orienta que seja preocupação do formador, condição essencial para a eficiência da ação formativa, é que sejam observadas as características individuais de cada ser.

Embora todos tenham condições para atingirem a perfeição, é imprescindível que a decisão sobre atingi-la seja individual, não pode haver interferência alguma de ninguém, porque, como já se salientou, ela exige muita luta, muito esforço pessoal.

Para a formação de homens capazes de contribuir para o progresso da humanidade, Sêneca propõe que se faça uma formação individual e que o filósofo saiba reconhecer nos homens as características necessárias para tanto.

Importa considerar, em relação ao ócio útil, que Sêneca propõe que esse não isenta o filósofo de sua função formadora, visto que só fomenta, porque possibilita uma melhor reflexão sobre o como proceder. Também o trabalho contrário, com vínculo no social, teria sua função formadora garantida, principalmente porque ser guia ou exemplo de conduta independe da atividade profissional.

Sêneca diz sobre a importância da autoformação para que o filósofo sirva de exemplo para os seus discípulos e também afirma que o número de discípulos não deve ser muito grande, porque, assim sendo, não conseguiria dar atenção a todos.

Sêneca apresenta um sábio que precisa se esforçar para prosseguir em seu caminho, diferente da auto-suficiência do sábio estóico. Dessa forma, o sábio converte-se em um educador, em um guia da humanidade que necessita da sua contribuição, da sua vivência como modelo a ser seguido.

Em Sêneca, abrem-se novas perspectivas para transformar a sociedade. Nesse encaminhamento, a educação assume papel de destaque, por apontar um modelo formativo que poderia levar a um homem ideal, capaz de entender e de responder às necessidades do seu tempo.

Assim sendo, o processo educativo atinge o mais alto grau no sábio; portanto, na formação do sábio, materializa-se o processo educacional de Sêneca, fazendo do sábio um verdadeiro guia da humanidade.



Fig.21- Pintura de Sêneca  
Fonte: [www.univ-montp3.fr/~pictura](http://www.univ-montp3.fr/~pictura)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Com relação a Sêneca, julgá-lo a distância não é fácil, porque pensamentos escritos prestam-se a inúmeras interpretações, às vezes até contraditórias. A mera semântica das palavras nos leva a isso [...] (ULLMANN, 1996, p.31).

A vida e a obra de Sêneca surgem em uma época especial da história da humanidade, mais especificamente, no momento histórico de desestruturação da sociedade romana, século I d.C.

Partindo da premissa de que “o pensamento é filho do tempo”<sup>11</sup>, Sêneca, frente ao quadro social e político em que se situava, percebeu a necessidade da busca de um modelo ideal de homem, o sábio, que servisse de guia para esse mundo que, como acreditava, perdeu os valores essenciais que sustentavam a romanidade.

Sêneca visa ao enobrecimento do homem e, através dele, de toda a humanidade. No enalço desse homem ideal, promotor de mudanças sociais, usa diferentes instrumentos, inclusive suas próprias experiências, para atrair a atenção de seus discípulos e de todos os seus leitores, na busca do aperfeiçoamento moral, da virtude, da sabedoria que, por extensão, são condições para a felicidade humana.

Segundo o pensador, todos os homens têm condições de atingirem a perfeição, desde que dediquem a ela grande esforço. Nesse processo, papel significativo tem a educação ao orientar o caminho a percorrer naquela direção.

Ao destacar a importância do esforço pessoal na realização educacional, Sêneca entende o processo enquanto auto-educação e incute na mesma a responsabilidade pela elevação do homem à condição de cidadão ideal.

Para tanto, Sêneca dita “regras de conduta”, vinculadas a aspectos relativos à vida prática, que se configurem na arte de viver, colaborando para que os homens, revestidos de vontade, busquem, em si mesmos, o desejo da perfeição. A vontade consiste na mola propulsora primordial das ações do homem, daí a

---

<sup>11</sup> Lizia H. Nagel *in* Oliveira, 2002, p.35.

preocupação senequiana de instigar a vontade humana no caminho do bem que se converte em garantia de harmonia e, conseqüentemente, de felicidade.

Nessa estrutura, Sêneca considera o papel da liberdade de ação do homem, visto caber-lhe decidir o modo de agir frente às diferentes situações que a vida lhe apresenta, o que possibilita ser dono de si, ter autonomia. Isso explica ser a liberdade o elemento essencial na procura da perfeição, que não pode dar-se sem ela.

Saber discernir sobre seus atos requer do homem o exercício da reflexão, e o espaço privilegiado para esse fim é o “ócio” útil, condição indispensável para que o homem possa alcançar as diferentes etapas do aperfeiçoamento.

Outro recurso prático apontado por Sêneca na busca do aperfeiçoamento foi escolher um guia, um modelo, um homem cuja retidão nas ações sirva-lhe de exemplo a seguir. Sêneca propõe um guia para auxiliar o homem a percorrer os diferentes degraus no caminho que leva à perfeição. Alguém que, pelos seus exemplos, demonstre perseverança em um percurso árduo a ser seguido.

Para Sêneca, a vontade orientada pela liberdade, a disponibilidade do ócio e o recurso de um modelo eram elementos que davam as bases do processo formativo, mas não apresentavam a virtualidade necessária se não fossem sustentadas pelo estudo da filosofia.

A filosofia seria o meio pelo qual o homem poderia ir adquirindo hábitos que o levariam à perfeição; essa filosofia não poderia constituir-se em um simples interesse em abstrações puramente teóricas, deveria encontrar preceitos úteis para a vida concreta.



Para Sêneca, a filosofia deveria apresentar a forma para bem viver, como também para bem morrer, assim como daria sustentação nos momentos de angústia frente aos embates da vida. Deveria ajudar o homem a viver autenticamente e levá-lo à sabedoria, pois o homem, de posse desse bem maior, estaria mais próximo de atingir a perfeição, embora não fosse fácil consegui-la, necessitando percorrer gradativamente as etapas por ela exigida, o que requisitaria perseverança.

Ao preservar-se no caminho do bem, o homem é levado à virtude, o que lhe possibilita viver de acordo com a harmonia universal, já que a natureza humana vincula-se à natureza do cosmos. Viver segundo a natureza, segundo a razão universal é o fim do homem moral, virtuoso e perfeito, destinado à felicidade.

Os meios que o homem utiliza para atingir esse fim são de grande importância, porque demonstram o seu caráter, indicam seu empenho em progredir moralmente, em busca de seu auto-aperfeiçoamento. Nessa luta voluntária, está sua maior virtude, no caminho de conquistar a condição de homem ideal, o sábio.

O sábio é útil à sociedade na medida em que promove no homem a vontade de buscar a perfeição e assume o lugar de guia no processo de autoformação. Dá conselhos e mostra a possibilidade de uma nova ordenação social.

O exemplo que o sábio deve dar a toda a humanidade torna-se pressuposto básico na questão educativa, independente das diferentes características entre os homens. Assim sendo, a preocupação com a eficiência da ação formativa passa pelo respeito às características individuais de cada um. Nesse sentido, Sêneca apresenta o sábio como pedagogo da humanidade, em qualquer tempo ou lugar.

O que sustenta esse pensamento de Sêneca é o seu otimismo em relação à natureza humana, razão de ter tentado, por meio de seus escritos, proporcionar ao gênero humano as condições práticas na busca da perfeição. Daí a prioridade do pensamento senequiano de orientar a humanidade sob a batuta da filosofia que leva consigo a vocação formadora.

Embora, segundo Sêneca, todos tenham condições para atingirem a perfeição, é imprescindível que a decisão sobre atingi-la seja individual, não pode haver interferência externa alguma, visto que ela exige muita luta e muito esforço pessoal.

Com isso posto encontra-se no pensamento educacional de Sêneca a difícil distinção entre quem é o educando e quem é o educador. Enquanto educando, apresenta-se o sábio como alguém que deve estar sempre atento aos seus atos, na busca constante de conhecimento, por meio do estudo da filosofia e, enquanto educador, apresenta-se o sábio como exemplo normativo, sendo ele o referencial para as normas a seguir no caminho da perfeição.

Na verdade, não importa se esse ideal poderá existir realmente ou não. O importante é exercer a função de demonstrar o ideal máximo a ser atingido por quem deseja realmente a perfeição. Uma meta difícil de se concretizar. Todo o processo formativo senequiano, seu ideal educacional, materializa-se quando forma o sábio.

Importa, agora, refletir sobre alguns aspectos da sua vida e de sua obra que trazem controvérsias.

De posse do conhecimento propiciado pelas reflexões apresentadas anteriormente sobre a vida e o pensamento de Sêneca, múltiplas questões foram sendo gestadas sobre o verdadeiro papel a que esse pensamento se presta.

Inicialmente, com base na sua biografia, encontramos situações que mostram um pensador repleto de contradições. Sêneca foi um homem muito rico, que emprestava dinheiro a altos juros e, em suas obras, aconselha o desprezo à riqueza, recomendando uma vida simples, cama dura, roupa de pêlo e alimentação à base de mingau de cevada e água.

Sêneca pertenceu à corte de Nero, com muito poder e bens, no entanto recomenda, como meio para se chegar à perfeição, o desprezo à riqueza e a distância da política. Aconselha os homens a retirarem-se da vida pública para dedicarem-se à filosofia, quando ele mesmo participa, quase toda a sua vida, do meio político.

Há muita discrepância entre seus ensinamentos e sua conduta, pois foi mestre de Nero e acompanhou-o durante muito tempo, e esse imperador cometeu diversas atrocidades. Acredita-se que, mesmo não tendo participado dessas atrocidades, conheceu-as e tolerou-as, embora em sua obra “De Clementia” tenha proposto uma nova forma de principado.

Com relação aos seus ensinamentos, também podemos encontrar outras contradições, tais como: na questão da liberdade, coloca que o homem pode decidir sobre seus atos e, posteriormente, afirma que o universo todo é determinado pelas forças da natureza universal, pelo *lógos*, o que leva a liberdade a ser pré-determinada, submissa à racionalidade do universo que determina o destino, portanto o destino é algo imutável.

Além disso, condena também as paixões do homem como desvios da moral e ele é, em si mesmo, um apaixonado pela filosofia, mostrando sempre um ir e vir entre a paixão e a razão.

Outra contradição encontra-se quando valoriza a vida do homem como percurso necessário para atingir a perfeição, colocando que isso exige muito esforço, conseqüentemente, muito tempo. A seguir, como saída digna da vida, apresenta o suicídio.

Também há contradição no modelo educacional proposto por Sêneca em relação à questão do “ócio”, quando o coloca como fator indispensável para que o homem possa alcançar a perfeição, a qual, inicialmente, coloca como possível a todos os homens. Com base nesse fato, pode-se refletir: quem efetivamente teria condição de disponibilidade do tempo livre, senão os setores privilegiados da sociedade romana, visto que a grande maioria da população teria que se dedicar à produção da vida, para que poucos pudessem desfrutar dos benefícios da cidadania romana? Apresenta, portanto, a filosofia como condição para poucos.

Deve também fazer parte dessa reflexão sua consideração sobre o sábio moralmente perfeito e o esforço dos homens para atingirem a perfeição, lembrando que Sêneca não se coloca como sábio, mas como quem caminha nessa direção, em parte podendo amenizar suas contradições, pois, como não - sábio, não corresponde ao ideal, mas está nessa busca.

Com relação ao sábio, pode-se questionar o real papel que esse desempenharia na sociedade, visto ser um ideal difícil de ser atingido, conforme lembra o próprio Sêneca, afirmando que talvez existisse algum apenas a cada quinhentos anos. Como, efetivamente, a cada tanto tempo, alguém poderia ser significativo para reorganizar a sociedade e por extensão toda a humanidade? Dado esse espaço de tempo para o aparecimento de um sábio, acredita-se que assim não seria possível a realização de um processo reorganizador da sociedade.

As contradições encontradas na sua maneira de conduzir a vida e o ensino nos seus escritos, portanto, não podem ser conclusivas para análise de seu pensamento, porém fazem parte de um referencial composto de diferentes situações pelas quais passou em vida.

Por outro lado, outra inquietação nos instiga: o aspecto importante a refletir diz respeito ao porquê das preocupações senequianas sobre as necessidades e as angústias humanas. Buscando esse conhecimento, o pensador apresenta as contradições sociais de sua época, demonstrando a classe social à qual pertence e que, por extensão, defende.

Com relação a esse fato, pode-se fazer mais uma reflexão: Sêneca coloca o determinismo universal, as regras morais e o viver conforme a natureza como pressupostos para atingir a perfeição, assim estaria garantindo a ordem existente e o interesse da classe dominante da época.

Encontra-se Sêneca como a voz de um tempo histórico, de acordo com uma classe a que pertence e que defende. Isso posto, pode-se inferir que a educação senequiana seria privilégio somente de alguns.

Tendo em conta que este estudo não é conclusivo, pretende-se, com o mesmo, a possibilidade de instigar novas reflexões e novos questionamentos sobre o tema, que possam trazer contribuições para o conhecimento e o reconhecimento de Lucio Anneo Sêneca e de suas contribuições para a atualidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANDERSON, Jean Pierre. *Passagens da antiguidade ao feudalismo*. Trad. Telma Costa, 2 ed., Porto:Ed. Afrontamento, 1982.

BASBAUM, Leôncio, *Sociologia do materialismo: introdução à história da filosofia*. 3 ed., São Paulo:Edições Símbolo, 1978.

BESSELAAR, José Van Den. *O progressismo de Sêneca*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, Assis, 1960.

BONNARD, André. *A Civilização Grega*. Trad. José Saramago. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BORDET, Marcel. *Síntese de história romana*. Trad. Zaida França, Amílcar Guerra. Lisboa: Edições Asa, 1995.

BRAREN, Ingeborg. *A natureza Literária das Epístolas Morais de Sêneca*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. *Da clemência de Sêneca*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

BRUN, Jean. *O estoicismo*. Trad. João Amado. Lisboa:Edições 70, 1986.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo:Ed. UNESP, 1999.

CAMPOS, J. A. Segurado. *Introdução. Cartas a Lucílio*.Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

CANTO-SPERBER, Monique (org.). *Dicionário de ética e filosofia moral*. Vol.2, Coleção Idéias, São Leopoldo:Ed. Unisinos, 2003.

CASTRO, Therezinha de. *História Antiga e Medieval; Estudos Sociais*. 6 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1978.

CHÂTELET, François. *História da filosofia-Idéias e doutrinas*. Trad. Maria José de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CÍCERO, *De finibus*. São Paulo, 1960.

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. *O partido político de Montaigne ou por que filosofar é aprender a viver*. *Revista Interdisciplinar da Unioeste – VARIA SCIENTIA*, Cascavel, v. 3, n. 5, p. 85- 99, 2003.

DESCOLA, Jean. *Historia literaria de Espana. De Sêneca a Garcia Lorca*. Madrid: Ed. Gredos, 1968.

DIACOV, V.; COVALEV, S. *Historia do mundo: Antiguidade*. Trad. João Cunha Andrade. São Paulo: Ed. Fulgos, 1965.

DREHER, Martin N. *A igreja no Império Romano*. São Leopoldo, 1963.

ERLER, Michael; GRAESER, Andréas. *Filósofos da Antiguidade - II do helenismo até a Antiguidade tardia, uma introdução*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

FERREIRA, José Ribeiro. *A Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1992.

FILHO, Adonias. *Os grandes personagens e a historia: Alexandre, O grande*. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, [198 -].

FONSECA, Maria de Jesus. *A Paidéia grega*. Disponível em <<http://www.paideiagregarevisada.htm>.2001>acesso em 20 abr.2002.

FRAILE, Guillermo. *História de la filosofia I. Grécia y Roma*. Madrid: La Editorial Católica, 1971.

FRANÇA, S. J. Leonel. *Noções de história da filosofia*. 21 ed. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Agir ,1973.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Roma: vida pública e vida privada*. São Paulo:Atual, 1993.

GARRIDO, José Luiz Garcia. *La filosofia de la educación de Lucio Anneo Sêneca*. Madrid: Ed. Magisterio Español, 1996.

GAZOLLA, Rachel. *O ofício do filósofo estóico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

GRANT, Michael. *História resumida da civilização clássica: Grécia e Roma*. Trad. Luiz A. Monjardim. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

GRIMAL, Pierre. *O império Romano*. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993.

HIRSCHBERGER, Johannes. *História da filosofia na antiguidade*. Trad. Alexandre Correia. 2 ed.. São Paulo: Ed. Herder, 1969.

JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cristianismo primitivo e Paidéia grega*. Lisboa: Edições 70, 2002.

JARDÉ, A. *A Grécia antiga e a vida grega*. Trad. Gilda M. Reale Starzynski. São Paulo: EDUSP, 1977.

JOHNSON, Paul. *História del cristianismo*. Madrid: Vergara Editor, 1999.

LEONI, Giulio Davide. *Obras- Lúcio Aneu Sêneca*. 2 ed. São Paulo: Ed. Atena, 1957.

LEVÊQUE, Pierre. *O mundo helenístico*. Trad. Teresa Meneses. Lisboa : Edições 70, 1967.

LI, Willian. "Introdução". *Sobre a brevidade da vida*. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

LIMA, Alessandra Cabonero. *Sêneca - aproximações: considerações sobre a pergunta pelo viver bem*. *Revista Notandum*, ano 7, n.11, 2004.

LIMA, Oliveira. *História da Civilização*. 9 ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1954.

MANCINI, Augusto. *História da literatura grega*. Lisboa: Edições 70, 1973.



MARROU, Henri Irénée. *História da educação na antiguidade*. Trad. Mário Leônidas Casanova. 4 ed. São Paulo: E.P.U, 1975.

MARTINS SANCHEZ, Maria Angelita F. *La inmortalidad del sábio em Sêneca*. *Helmantica Revista de Filosofia Clasica y Hebrea*. Universidad Pontificia de Salamanca, Salamanca, V. 35, n° 106, Enero-Abril. 1984.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da helenização, a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Trad. Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

MONDOLFO, Rodolfo. *O homem na cultura antiga, a compreensão do sujeito humano na cultura antiga*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1968.

MOSSÉ, Claude. *Atenas a história de uma democracia*. Trad. João Batista da Costa 3 ed. Brasília: ed.UNB, 1997.

NOVAK, Maria da gloria. *Medeia de Sêneca*. *Revista Letras Clássicas*, Universidade de São Paulo, São Paulo, n 3, p. 147-162, 1999.

OLIVEIRA, Luizir de. *Sêneca, a vida na obra (uma introdução à noção de vontade nas epístolas a Lucílio)*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Pontifícia Universidade Católica: São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Terezinha (org.). *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: EDUEM, 2002.

PADOVANI, Umberto Antonio. *Filosofia da religião*. São Paulo: EDUSP, 1968.

PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luís. *História da filosofia: com o estudo "O problema da história da filosofia"*, 11 ed., São Paulo: Melhoramentos, 1977.

PEREIRA, Marcos Aurélio. *Considerações sobre o irracional na Fedra de Sêneca*. *Letras Clássicas*, São Paulo, n. 1, p. 59-76, 1997.

\_\_\_\_\_. *"Imortalidade da alma" ou "Ressureição do corpo?"*. Considerações acerca do paralelismo entre o pensamento de Sêneca e a escatologia cristã. *Revista Horizontes*. Universidade São Francisco, Bragança Paulista, vol. 13, n.2, pp. 31 a 58, jul-dez 1995.

PEREIRA MELO, José Joaquim. *Sêneca e a formação do sábio*. Anais da III Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Transformação social e educação. Universidade Estadual de Maringá, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sêneca e a auto-educação*. Anais do Seminário de Pesquisa do P.P.E.. Universidade Estadual de Maringá, 2004.

PETIT, Paul. *A civilização helenística*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

PONCE, Anibal. *Educação e luta de classes*. 11 ed., Trad. José Severo de Camargo Pereira, São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991.

PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida. *Apontamentos para um estudo sobre a moral de Sêneca nas "Epistolae ad Luciliun"*. Anuário da Faculdade de Filosofia do Instituto "Sedes Sapientiae", São Paulo, p. 159-170, 1946-47.

RAIJ, Cleonice Furtado de Mendonça Van. *As Consolações de Sêneca*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas) – USP, São Paulo, 1986.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: Os sistemas da era helenística*. V.III, São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

\_\_\_\_\_. *História da Filosofia Antiga: As escolas da era imperial*. v.IV São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

REALE, Giovanni & DARIO, Antiserre. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1990.

RUSSELL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. Trad. Breno Silveira. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.

SÁNCHEZ, Adolfo Vasquez. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. *Ética*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SÁNCHEZ, Javier Antolin. *Influencias éticas y sociopolítico del epicurismo em el cristianismo primitivo*. Valladolid: Tesi del doctorado, 2000.

SCIACCA, Michele Frederico. *História da filosofia I – Antiguidade e Idade Média*. 3 ed. Trad. Luis Washington Vita. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1967.

SENÊCA, Lucio Anneo. *Aprendendo a viver*. Apresentação Regina Schopke. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Cartas a Lucílio*, Lisboa: Fund. Caloveste Gulbenkian, 1991.

\_\_\_\_\_. *Cartas consolatórias*. Trad. Cleonice Furtado de Mendonça van Ray. Apres. Joaquim Brasil Fontes. Campinas: Pontes, 1992

\_\_\_\_\_. *Da vida feliz*. Trad. João Carlos Cabral Mendonça. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Medeia*. Intr. e trad. G. D. Leoni. São Paulo: Ediouro, 1957.

\_\_\_\_\_. *Sobre a brevidade da vida*. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

\_\_\_\_\_. *Tragedias*. Intr. e trad. Germán Viveros. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1998.

\_\_\_\_\_, Lucio Anneo. *Tratado filosófico*. Trad. Pedro Fernández de Navarrete. Buenos Aires: Ed. El Ateneo, 1952.

\_\_\_\_\_. *Tratado sobre a clemência*. Intr., trad. e notas de Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes, 1990.

SILVA, Marilda Evangelista dos Santos. *Sêneca O humanista*. *Revista Caliope Presença Clássica*, Rio de Janeiro, Ano 1, n.1, p. 87-94, jul. – dez. 1984.

SOUZA, Edmilson Wantuil Freitas de. *O processo de desestruturação da consciência na Grécia clássica*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1998.

SUETÔNIO, *A vida dos doze Césares*. Apresentação Carlos Heitor Cony, tradução Sady Garibaldi. São Paulo: Ediouro, 2002.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *O estoicismo Romano*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sêneca e a imortalidade da Alma*. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, V. 34, fasc. 164, p. 298-305, out. –dez. 1991.

VERNANT, Jean Pierre. *Mito e sociedade na Grécia antiga*. Trad. Myruam Campello. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1992.

VEYNE, Paul. *A sociedade Romana*. Trad. Maria Gabriela de Bragança, Clara Pimentel. Lisboa: Edições 70, 1990.

VIZENTIN, Marilena. *Imagens do poder em Sêneca*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.